



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO REALIZADO NA ESCOLA EB 2,3 PISCINAS –
LISBOA NO ANO LETIVO 2011-2012**

Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física
nos Ensinos Básico e Secundário

Júri:

Presidente

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade
Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais

Doutora Ana Luisa Dias Quitério, professora assistente convidada da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexelo Pedro, professora assistente convidada da
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Isabel Maria Ferreira Albuquerque Bettencourt, docente na Escola EB 2,3
Piscinas de Lisboa.

Hugo Miguel Vieira Máximo

2012

A todos os elementos da escola que me fizeram sentir parte integrante dela, fazendo com que tivesse tanto gosto em trabalhar.

Às orientadoras, Professoras Isabel Bettencourt e Conceição Pedro, pela orientação e apoio que me proporcionaram em busca dos meus objetivos.

Ao Joel, Joana, Nuno, Jorge e Francisco, que, para além de todo o conhecimento e experiência partilhada, proporcionaram um ambiente de trabalho fantástico, todos os dias.

Às minhas irmãs mais novas e colegas de estágio (Ana e Nídia), pela união e capacidade de trabalharmos em grupo e como um grupo.

À minha turma (8ºC) por tudo o que me proporcionaram e que não trocava por nenhuma outra.

A todos os meus Amigos e Família, que sempre me apoiaram e torceram por mim.

À Mariana, minha namorada e companheira, por estar sempre do meu lado e aturando o meu *stress* miudinho.

À minha Mãe, simplesmente pelo que é e pelo que representa para mim. Sabendo que tem tanto orgulho em mim, como eu nela.

Não querendo ser pretensioso, agradeço-me a mim, por nunca ter desistido dos meus sonhos, fazendo sempre de tudo para os alcançar.

“Enquanto houver estrada pra andar, a gente vai continuar. Enquanto houver ventos e mar, a gente não vai parar”

Resumo

O presente relatório visa a análise e reflexão do processo de estágio pedagógico vivenciado na *Escola EB 2,3 Piscinas – Lisboa*, tendo em conta o programa do Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos básico e secundário.

Este documento, tem como objetivo explicar todas as atividades desenvolvidas, bem como relatar as tarefas executadas no desenvolvimento das diferentes áreas deste processo de formação, tais como a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, nas dimensões de planeamento, avaliação e condução, investigação e inovação pedagógica, participação na escola e relação com a comunidade.

Não só existe uma descrição, como também uma reflexão e análise das estratégias e decisões tomadas, avaliando os fatores que condicionaram o sucesso e o alcançar dos objetivos delineados. Este relatório de estágio procura evidenciar uma perspetiva projetiva, identificando as mais-valias deste processo de formação para um futuro profissional da área de Educação Física.

Palavras - Chave

Educação Física, Escola, Professor, Alunos, Estágio Pedagógico, Formação, Reflexão, Projeção, Ensino – Aprendizagem, Relações.

Abstract

This report aims to analyse and reflect on the process of the pedagogical internship in the *School EB 2,3 Piscinas - Lisbon*, concerning the program of the Master's Degree in Teaching of Physical Education in primary and secondary education.

This document's goal is to explain all the activities developed, as well as to describe the tasks carried out in the development of the different areas of this training process, such as teaching and learning organization and management, in dimensions such as planning, evaluation and implementation, pedagogical research and innovation, participation in school and relationship with the community.

Besides the description there is also a reflection and analysis of the strategies and decisions taken, evaluating the factors that have conditioned the success and the achievement of the outlined goals. This report aims to show a prospective view, identifying the added value of this training process for a professional future in the area of physical education.

Keywords

Physical Education, School, Teacher, Students, Pedagogical Internship, Training, Reflection, Projection, Teaching – Learning, Relationships.

Índice

Introdução.....	6
Contextualização	7
Análise da estrutura física	7
Análise da estrutura administrativa.....	8
Análise da estrutura social	9
Análise do Grupo Disciplinar	9
Caracterização da turma	10
Análise crítica e reflexiva da formação	12
Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem	12
Planeamento	12
Avaliação.....	18
Condução de ensino	27
Semana Professor a Tempo Inteiro	41
Área 2 - Investigação e inovação pedagógica	42
Área 3 - Participação na escola.....	50
Área 4 - Relação com a comunidade	58
Reflexão Final	66
Bibliografia	71

Introdução

O estágio pedagógico representa um módulo de formação desenvolvido em regime de supervisão pedagógica, que constitui o culminar de uma formação que habilita profissionalmente para o desempenho de todas as atividades inerentes à função profissional de um Professor de Educação Física do ensino básico e secundário (Guia de Estágio 2011-2012).

Assim, este documento contempla uma contextualização onde foi inserido o estágio (Escola Básica 2,3 Piscinas), para que se compreenda a estrutura de suporte deste processo de formação. Desta forma, poder-se-á compreender as várias estratégias e decisões tomadas ao longo do estágio.

Neste mesmo balanço, está contemplada uma análise crítica e reflexiva da formação, fazendo uma descrição e reflexão das atividades realizadas, tentando sempre ter uma visão projetiva e referindo quais as implicações futuras podem advir deste processo de formação. Estão também descritas as considerações sobre como foram alcançados os objetivos definidos, analisando os fatores que facilitaram ou dificultaram a obtenção de sucesso, bem como estratégias utilizadas nas diferentes áreas que envolveram o estágio, tais como a organização e gestão do ensino e da aprendizagem (planeamento, avaliação e condução), investigação e inovação pedagógica, participação na escola e relação com a comunidade.

Contextualização

Para que seja possível compreender e analisar um processo de formação, é importante assimilar que existe um conjunto de fatores que sustentam, condicionam e influenciam esta ação, concretamente a escola. Desta forma “ o funcionamento de uma organização escolar é fruto de um compromisso entre a estrutura formal e as interações que se produzem no seu seio, nomeadamente entre grupos com interesses distintos. Aquando da sistematização das características das escolas, esta deve ser feita com base em três áreas: a estrutura física, administrativa e social da escola” (Nóvoa 1992).

Neste sentido, o levantamento das principais particularidades da Escola Básica 2,3 Piscinas – Lisboa, permitiu perceber e contextualizar a realidade escolar onde foram desenvolvidas as atividades de estágio contempladas neste documento.

Através de uma análise tanto demográfica, como física e social, das orientações e das dinâmicas dos intervenientes, consegue-se compreender como determinados objetivos e estratégias foram aplicadas neste ano letivo, no âmbito do estágio pedagógico.

Análise da estrutura física

A Escola EB 2,3 Piscinas – Lisboa, localiza-se na Rua Capitão Santiago de Carvalho e pertence à freguesia de Santa Maria dos Olivais.

É constituída pelos pavilhões A e B, pelo campo exterior, pelas pistas de atletismo, espaços verdes e pelo ginásio. No pavilhão A encontramos, no piso 0, a secretaria, a receção, a papelaria, o bar, o refeitório, sala de convívio e os lavabos, tanto dos professores como dos alunos. No piso 1, localizam-se os órgãos de gestão, a sala dos professores, uma sala de diretores de turma e o SASE, bem como quatro salas de aula. No pavilhão B, encontramos no piso 0 quatro salas de aula, assim como as arrecadações de material dos laboratórios de ciências e físico-química e os lavados dos alunos, enquanto o piso 1 é composto por sete salas de aula. Existe ainda o espaço da biblioteca e sala de computadores, bem como outra sala de aula isolada, designada “módulo”. A escola apesar de ter uma pequena dimensão, está muito bem equipada nos diferentes espaços, tendo ótimas condições de lecionação e acompanhamento de estudo, bem como de conforto e comodidade.

O espaço destinado à educação física é composto pelo ginásio, pela sala de arrumação do material, pelos balneários e pela sala do grupo de educação física. O ginásio apresenta dimensões reduzidas, sendo necessário adaptar as situações de

aprendizagem à estrutura, adaptando mas não limitando a prática das atividades e garantindo assim, um elevado tempo de prática, potenciando e maximizando os recursos existentes. O Grupo de Educação Física dispõe de bastante material, tanto para as modalidades ditas tradicionais, como também para as matérias alternativas, como o speedminton e o streetsurfing, garantindo assim, o interesse e a motivação dos alunos para a disciplina. Os balneários disponibilizam excelentes condições e permitem o seu uso por duas turmas, em simultâneo. A sala do grupo de educação física, também está bastante bem apetrechada, com computadores, cacifos, balneários, impressora, etc. é neste espaço que decorrem as reuniões de grupo, reuniões de estágio e as diferentes atividades, relacionadas com o funcionamento diário das diferentes atividades do grupo.

Derivado à escola ter as suas estruturas bastante perto umas das outras, permitiu que tivesse adquirido um conhecimento bastante rápido dos espaços da escola, fazendo assim que a minha adaptação a esta fosse mais rápida e eficaz. Este fator físico, proporcionou também que estivesse em constante contacto com outros professores e auxiliares, fazendo com que também tivesse uma boa integração e desenvolvesse um conjunto de relações pessoais, muito importantes ao longo do estágio.

Análise da estrutura administrativa

A Escola E.B. 2,3 Piscinas - Olivais é sede do Agrupamento, formado pelo JI de Santa Maria dos Olivais nº 3, a EB 1 Olivais Velho (nº 36), o JI nº 6, a EB Paulino Montez (nº 113), o JI (nº 8) e a EB 1 Santa Maria dos Olivais (nº 175), garantindo a verticalidade no percurso dos alunos e o aproveitamento dos recursos materiais e humanos. É uma escola pública, que leciona o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

A Direção da Escola EB 2,3 Piscinas – Lisboa é constituída por uma diretora, um subdiretor e três adjuntos. Nesta escola existem setenta e dois professores e quarenta e sete não docentes. Atualmente, é frequentada por seiscentos e sessenta e quatro alunos, distribuídos por vinte e cinco turmas: seis turmas de cada ano do 2ºCiclo, cinco turmas de 7º, outras tantas de 8º ano e três turmas de 9ºano. Face ao número de alunos, bem como ao número de turmas por ciclo e aos espaços físicos disponíveis na escola, esta funciona em dois turnos (manhã e tarde).

De destacar no meu processo de estágio, a forma como fui acolhido pela direção, professores e comunidade não docente, fazendo-me sentir parte integrante da escola, e assim, pude desenvolver com maior facilidade as atividades inerentes a este processo de formação. As relações que desenvolvi, além de me terem sido bastante úteis este ano, considero, que me proporcionaram a aquisição de competências relacionais que irão ser

uma mais-valia no futuro. Nomeadamente na forma de estar e de interagir com os diferentes elementos da escola, tendo sido estes, uma referência de excelência para mim.

Análise da estrutura social

A escola tem a Educação para a Cidadania como um valor primordial, sabendo que a “ausência de valores cívicos e de regras de convivência originando a indisciplina, intolerância pelas diferenças individuais, a falta de respeito pelas hierarquias e é responsável por falta de interesse e motivação pelo estudo, fraca responsabilização dos alunos perante os deveres escolares (estudo, trabalhos de casa, livros e material didático nas aulas) e a dificuldade de adaptação de alguns alunos aos seus pares” (Projeto Educativo 2008-2012).

Esta escola é ainda caracterizada por ser um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), tendo como um dos seus grandes objetivos o sucesso educativo de todos os alunos, tentando sempre recorrer às melhores opções e estratégias, indo ao encontro das especificidades e características dos seus alunos, estando sempre presente o conceito de inclusão, fazendo com que não haja discriminação, evitando desta forma, a exclusão social e escolar dos seus discentes. Estes conceitos evidenciados, penso serem muito importantes nos dias que correm, e desta forma fazem com que a escola tenha um papel determinante na formação dos alunos, não só a nível escolar como social e humano.

Análise do Grupo Disciplinar

O Grupo de Educação Física, era constituído por nove professores, três lecionavam exclusivamente 2º ciclo, sendo que um deles tinha funções de apoio a esses professores, em turmas que necessitavam de auxílio. Relativamente ao 3º ciclo, existiam dois professores que lecionam exclusivamente este ciclo, em que um deles, era a professora orientadora de escola, que acumulava também, funções de coordenadora de grupo e de departamento. Neste grupo havia também uma docente que lecionava ambos os ciclos. Além dos referidos professores, também estavam inseridos os professores estagiários, que lecionavam cada um deles uma turma de anos diferentes, pertencentes ao 3º ciclo. De salientar ainda, que existiam docentes que tinham aulas de apoio a turmas ou alunos. Estas turmas foram consideradas problemáticas, continham alunos com currículos adaptados ou com necessidades educativas especiais (NEE).

Os professores do grupo apresentavam diferentes formações e tempo de serviço, bem como diferentes especializações. No que diz respeito aos professores do 2º ciclo, estes tinham uma formação do 1º ciclo, variante educação física, quanto aos restantes, possuíam licenciaturas em ciências do desporto - educação física. Quanto ao tempo de serviço, existiam três professores no quadro de escola, enquanto outros três eram estagiários, em regime de contrato. Esta situação de ter no grupo de educação física estagiários, foi fundamental para a minha integração, bem como para o desenvolvimento de diferentes atividades de estágio, pois foi possível partilhar dúvidas e estratégias, e eles puderam auxiliar-me e partilharam também, as suas experiências e conhecimentos.

No que diz respeito à orgânica e funcionamento das aulas de educação física neste grupo, estas contemplavam duas aulas por semana, sendo que a aula de 45' poderia ser lecionada no espaço interior ou exterior (mediante disponibilidade), e a aula de 90', obrigatoriamente, era dividida pelos dois espaços.

O grupo de Educação Física, ao longo do ano letivo proporcionou um conjunto diversificado de atividades. Existiram, ao longo do ano letivo, quatro núcleos de Desporto Escolar (Futsal Masculino e Feminino, Escalada e Atividades Gímnicas), bem como uma atividade interna (StreetSurf). Além destas atividades, o grupo ainda desenvolveu o projeto "Piscinas na 1ª PESSOA", lecionado pelos professores estagiários, bem como um conjunto de torneios e conferências no âmbito de diferentes modalidades desportivas.

O ambiente vivido no grupo de educação física, proporcionou-me uma excelente adaptação, e permitiu-me adquirir um conjunto diverso de práticas e competências que, com certeza, me irão ser muito úteis na vida pessoal e profissional. O constante diálogo, partilha de saberes e experiências, a interajuda e cooperação demonstradas ao longo do ano letivo, em diferentes âmbitos, bem como o sentimento de pertença, que fui desenvolvendo junto daquele grupo, foram determinantes para o sucesso que obtive.

Caracterização da turma

A minha turma era constituída por vinte e seis alunos, dos quais treze do género masculino e treze do género feminino. A idade dos alunos desta turma oscilava entre os doze e os catorze anos, constituindo uma média de 13,2 anos. De destacar que os alunos mais velhos eram principalmente do género masculino, e que os alunos mais novos eram do género feminino.

Relativamente ao agregado familiar, os pais tinham em média 43 anos, e possuíam o 12º ano de escolaridade ou a licenciatura. O agregado familiar era constituído principalmente pelo pai e mãe e em alguns casos também por um irmão.

No que diz respeito aos aspetos da saúde, a grande maioria, tinham uma assistência médica regular, e não apresentavam grandes problemas relacionados com a saúde.

Quanto ao passado escolar, os alunos tinham frequentado em média, esta escola nos últimos quatro anos, sendo que oito dos vinte e seis alunos, já tinham ficado retidos uma vez (todos eles no 7ºano), devido à falta de estudo como os próprios referiram. De uma forma geral, os alunos manifestaram gosto pela escola, sendo a disciplina de educação física, uma das que os alunos mais gostavam. A turma revelou ainda possuir um passado desportivo, contudo, a maioria referiu não ter atualmente uma prática desportiva regular, e ocupavam os seus tempos livres, com recursos multimédia (televisão e computador).

Análise crítica e reflexiva da formação

A realização de um balanço do que foi feito, permite desenvolver e consolidar um conjunto de conhecimentos e capacidades fundamentais. Esta percepção é comum a Onofre (1996), onde este refere, que o professor deve ter um conhecimento profundo, quer científico, quer pedagógico sobre a sua disciplina. Outro item importante, é ter capacidade reflexiva no processo de ensino-aprendizagem, pois só assim o professor consegue desenvolver e melhorar o seu trabalho.

Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

A área de organização e gestão do ensino e da aprendizagem surge neste estágio como uma área fundamental e com um papel de extrema importância na formação do professor estagiário. Assim, esta área pretende que o professor estagiário desenvolva capacidades ao nível do planeamento, da condução de ensino e da avaliação. Todo este trajeto só faz sentido se estiver interligado e se forem tomadas constantemente decisões pré-interativas, interativas e pós-interativas, respetivamente como sugere Piéron (1999).

Planeamento

Garante um planeamento do período de avaliação inicial, ajustando o respetivo protocolo e a sua aplicação ao contexto da turma e aos recursos espaciais e temporais disponíveis

Segundo Bento (1987) planificar significa planear as componentes do processo de ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da sua realização; significa apreender, o mais concretamente possível, as estruturas e linhas básicas e essenciais das tarefas e processos pedagógicos.

“A avaliação inicial constitui o objeto da primeira etapa de trabalho com a turma, no início do ano letivo, e a sua função consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias selecionadas e, eventualmente, proceder à revisão/atualização dos resultados obtidos no ano anterior” (Brás e Monteiro 1998 in Protocolo de Avaliação Inicial).

No que diz respeito a este ponto, penso que o facto de ter realizado um bom planeamento da etapa de avaliação inicial (AI), foi basilar para poder iniciar esta etapa, bem como, representou o fio condutor de toda a atividade letiva.

O planeamento, tal como refere Bento (1987) é “o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respetivas disciplinas, e a sua realização prática”. Para o planeamento da AI, foi fundamental ter a noção do número de aulas previstas para esta etapa, bem como as matérias que poderia contemplar em cada dia, de acordo com o tempo de aula e o espaço a utilizar.

Um aspeto fundamental para o sucesso deste planeamento foi a capacidade que desenvolvi de reformular e ajustar, para que este estivesse sempre coerente com o que achava que devia ser feito, para que os exercícios e a forma de os aplicar estivessem ajustados ao contexto, e às características dos alunos da minha turma.

Outra situação que tive em conta, foi a preparação da etapa inicial, tendo a noção do que era pedido no protocolo de avaliação inicial (PAI), e qual a forma de o aplicar. Neste ponto, comecei por abordar os jogos coletivos através de jogos reduzidos, contudo, tive a necessidade de, mais à frente, simplificar e realizar alguns exercícios critério, com o objetivo de poder verificar com mais exatidão alguns itens de avaliação, em determinados alunos. A modalidade de futsal foi exceção, por ser uma modalidade em que consegui ter a noção dos itens que fazem parte cada nível, e assim conseguir avaliar com mais facilidade. Na modalidade de ginástica de solo, também iniciei de uma forma mais geral, e posteriormente tive a necessidade de realizar aulas com o objetivo de fazer uma avaliação mais detalhada, por elementos gímnicos, pois faltavam-me registar alguns dados, ou tinha algumas dúvidas em alguns alunos.

Uma situação bastante positiva, prendeu-se com o facto de termos adotado no seio do núcleo de estágio, desde o início, a prática de falar sobre o planeamento, apresentando as nossas dúvidas e possíveis estratégias. A apresentação e discussão destas, decorreu sempre com uma grande entajada e aproveitando as condições que nos são comuns, sem deixar de ter em conta as diferenças entre as turmas.

Elabora planos de turma e de etapa garantindo que as decisões formam uma unidade pedagógica coerente, refletindo o equilíbrio entre as orientações enunciadas no programa oficial e os dados fornecidos pela aplicação da avaliação inicial e formativa

O Plano Anual de Turma (PAT) é um documento realizado com base nas informações recolhidas durante o período de Avaliação Inicial. Não só é baseado neste período, como tem em conta o Programa Nacional de Educação Física (PNEF),

revelando-se um orientador da preparação do ensino, atendendo às características específicas da turma (Bento, 1987).

O PAT, é um documento onde são definidos os objetivos para esse ano e se operacionaliza o modo de os atingir, portanto, este plano é realizado após a avaliação inicial, prognosticando o ano letivo dos alunos (Rosado, 2003).

Com a elaboração da avaliação inicial, foi-me possível conhecer a dinâmica da turma em atividade de Educação Física, verificar o nível de rotinas de trabalho e organização da turma, avaliar o nível inicial dos alunos em todas as matérias e áreas constituintes de Educação Física, bem como prognosticar onde podem chegar no final do ano letivo, definir a organização das etapas do ano letivo e recolher informações para definir as prioridades de desenvolvimento para as etapas seguintes, tanto nas matérias prioritárias como nos alunos, através da diferenciação de ensino. Tendo este conjunto de dados sido recolhidos na avaliação inicial e formativa, foi-me possível realizar um PAT mais ajustado, conseguindo ir ao encontro às características dos alunos e da escola. Garantindo que “o princípio da especificidade do plano de turma, representa uma opção em que o professor seleciona e aplica processos distintos para que todos os alunos realizem as competências prioritárias das matérias em cada ano, e prossigam em níveis mais aperfeiçoados, consoante as suas possibilidades pessoais” (PNEF, 2001, p.22).

De acordo com o PNEF (2001) “A organização destas etapas deve considerar o calendário escolar (os períodos letivos e as interrupções de aulas), as características das instalações disponíveis (conforme o plano de rotação), bem como as condições climatéricas ao longo do ano, procurando aproveitar de uma forma eficaz os diversos recursos da escola, especialmente em escolas que dispõem de espaços exteriores.” (p.25).

O PAT, embora sendo um documento exaustivo, foi fundamental no planeamento das etapas e das unidades de ensino. Apesar de ser difícil planear a longo prazo, foi importante desenvolver essa capacidade, e penso que consegui realizar um plano de turma e de etapas que fosse ajustado às dificuldades e necessidades evidenciadas na avaliação inicial, sem descorar as orientações enunciadas nos PNEF.

De acordo com o PNEF (2001) a “escolha das situações de treino/aprendizagem em cada unidade de ensino, faz-se de acordo como os objetivos definidos para a etapa e com os aspetos considerados críticos na aprendizagem dos alunos” (p.26)

De acordo com as indicações acima referidas, consegui adotar e desenvolver a capacidade de prognosticar objetivos, de acordo com as necessidades de cada aluno, definir o tempo necessário para atingir os objetivos, adequar o plano de etapas com o

PAT, diferenciar o ensino e dar ênfase às matérias prioritárias, sem descuidar as restantes. Tive sempre em conta que o planeamento fosse ajustado a cada nível, garantindo um conjunto de progressões e situações de facilitação ou de dificuldade acrescida, salvaguardando os ritmos de aprendizagem de cada aluno, não esquecendo que deve existir uma interligação e coerência entre os planos, contribuindo desta forma, para a aquisição de novos conhecimentos e capacidades, assim como para o desenvolvimento de outros já existentes.

O conhecimento e a compreensão das características dos alunos e da turma, revelaram-se fundamentais para a elaboração destes planos. A turma em si, criou-me vários desafios, como o modo de apresentar e abordar determinadas matérias, assim como a criação de um conjunto de opções pedagógicas a implementar. Exemplo disso foi a primeira abordagem à ginástica de solo, onde tentei abordar logo as sequências. De modo a facilitar esta compreensão, visto que estavam a ter dificuldades, tive que refazer o que tinha planeado, separando os elementos e trabalhando isoladamente cada um, para mais tarde conseguir ligar os mesmos e alcançar a criação de sequências.

Outra situação que espelha o modo como esta turma, me obrigou a tomar certas decisões a nível do planeamento, foi no caso dos desportos coletivos. Sempre que abordei mais do que uma modalidade na mesma aula, tentei sempre emparelhar uma modalidade que os alunos tivessem mais dificuldade, com uma em que tivessem mais facilidade e que estivessem mais motivados para a sua prática.

Elabora planos de unidade de ensino e de aula, identificando objetivos pedagógicos pertinentes e explícitos, as estratégias de ensino a eles conducentes e assegura a correção didática da seleção e estruturação dos conteúdos e das atividades de aprendizagem

O planeamento é defendido como:

“O processo pelo qual os professores aplicam os programas escolares, cumprindo a função de os desenvolver e de os adaptar às condições do cenário de ensino, características da população, do meio e do estabelecimento de ensino” (Januário1996 in Pedro 2006, p.20).

Existindo assim a passagem do nível macro para um nível micro, contextualizando-se mas mantendo a coerência e orientação. Neste sentido, procurei realizar o PAT numa

escala macro, e fui aprofundando esse planejamento na realização de planos de etapa, planos de unidade de ensino e respectivos planos de aula.

De acordo Placek (1984, in Pedro 2006, p.25) existem dois fatores importantes que influenciam o processo de planejamento: o comportamento dos alunos (grau de participação, motivação e comportamentos incorretos) e as preocupações práticas dos professores (atividades a ensinar, o material disponível e a forma como organizam a aula). Tendo como base estes dois pilares quando se realiza um planejamento, procurei dentro das preocupações do professor, ir ao encontro das capacidades e características dos alunos e da turma, tentando que “a atividade da turma ao longo do ano se orientasse para a realização do conjunto dos objetivos das matérias nucleares, de acordo com as decisões anteriores do Departamento de Educação Física e com a qualidade determinada pelas possibilidades de cada aluno” (PNEF, 2001, p.23), mas tentando passar um pouco por todas as modalidades, e também proporcionar um conjunto de matérias opcionais.

Neste sentido, procurei tanto nos planos de etapa e planos de unidade de ensino, como nos planos de aula, descrever os objetivos pedagógicos e estratégias de ensino para cada exercício ou matérias. Procurei para cada aula, definir objetivos para os alunos e para mim, enquanto professor estagiário. Esta estratégia fez com que me focalizasse nesses objetivos, facilitando-me bastante proceder à sua execução. Por outro lado, permitiram-me também mais facilmente avaliar a obtenção desses mesmos objetivos, que tinha delineado para os alunos e para mim, nos diferentes tipos de planejamento. Com a elaboração de planos de etapa e de unidades de ensino, fez com que desenvolvesse a também capacidade de continuação e interligação de matérias entre aulas, tornando-se assim uma ferramenta essencial para poder guiar a minha atividade. Para Januário (1984) “o conceito de unidade didática, parece nos dias de hoje o conjunto de características, que podem emprestar coerência ao planejamento, facilitar o ensino aos professores e a aprendizagem aos alunos” (p.91).

Ainda sobre a importância das unidades de ensino, poder-se-á dizer que:

“São períodos do ano durante os quais se trabalha para alcançar determinados objetivos. Ao ser um modelo onde as várias atividades são lecionadas durante todo o ano, permite uma continuidade de aprendizagem ao invés do modelo por blocos, onde a aprendizagem é concentrada e estando longos períodos sem voltarem a realizar a matéria. Este modelo, ao

ser flexível, consegue ajustar o planeamento às necessidades dos alunos ao longo do ano letivo” (Rosado, 2007).

Garante que as decisões dos diferentes níveis de planeamento (turma, etapa, unidade de ensino e aula) formam entre si uma unidade coerente, assegurando a diferenciação e progressão das aprendizagens necessária ao sucesso dos alunos, de acordo com os dados da avaliação formativa e sumativa.

Toda a planificação estratégica supõe, desde logo, um conjunto de operações integradas, na medida em que a compreensão representa a qualidade do estado de colaboração de uma dada organização/grupo ou objetivo, tendo como referência os dados e conquistas adquiridas na primeira etapa de ensino (Pires, 2006, p.251).

Assim, para cada nível de planeamento, criei um conjunto de objetivos e progressões, de acordo com o nível dos alunos, tanto nas modalidades individuais como nas coletivas, ou mesmo para as situações de desenvolvimento da condição física. Tentei nos meus planeamentos, assegurar diferentes situações, para que estas pudessem estar adaptadas ao nível dos alunos, e constituíssem um desafio à evolução e à aquisição de novas competências.

“A avaliação formativa tem por objetivo obter uma dupla retroação, retroação sobre o aluno para lhe indicar as etapas que transpôs no seu percurso de aprendizagem e as dificuldades que encontra, retroação sobre o professor para lhe indicar como se desenvolve o seu programa pedagógico e quais são os obstáculos com que esbarra” (Noizet & Caverni 1985 in Dias & Rosado 2003, p.23)

Para que pudesse ajustar o meu planeamento às necessidades da turma e redefinir algumas estratégias e formas de intervenção, fui desenvolvendo ao longo do ano letivo um conjunto de situações, como a criação de fichas de avaliação formativa, e criar o hábito de realizar anotações sobre constante desempenho dos alunos, para procurar ter um conhecimento mais aprofundado destes e das suas capacidades. Estes fatores foram bastante importantes, pois permitiram-me acompanhar o nível de aprendizagem dos alunos, potenciando as suas aprendizagens, através do ajustamento dos grupos de trabalho ou o tipo de exercícios que precisariam ser realizados, de acordo com as suas dificuldades específicas.

Manifesta a capacidade de planejar em grupo, cooperando com os colegas de estágio, do Grupo de Educação Física e com o Conselho de Turma, garantindo a adequada antecipação em relação à intervenção, contribuindo para a promoção dum clima de cordialidade e respeito, de inter-ajuda, manifestando sentido crítico, iniciativa e criatividade individuais e responsabilidade profissional

Relativamente a esta competência, que fui desenvolvendo ao longo do ano letivo, revelei a capacidade de planejar em grupo, conseguindo cooperar com diferentes colegas e grupos disciplinares. O ambiente vivido no grupo de Educação Física nesta escola, muito contribuiu para que isso tivesse acontecido. Diariamente, debatíamos exercícios, progressões e estratégias. Esta troca de opiniões e ideias, aconteceu constantemente, tanto entre o núcleo de estágio com a orientadora, como com todo o grupo de educação física, tendo sempre a noção de que cada turma tem a sua especificidade e é necessário ter em conta as características tanto do grupo como de cada aluno.

No caso do conselho de turma, este também teve influência em algumas questões de planeamento, mais concretamente no caso de situações específicas, como a determinação de certas estratégias para o comportamento de alguns alunos e gestão de conflitos.

Não só devido a questões relacionadas com o meu planeamento e as minhas dificuldades, mas também com trabalhos desenvolvidos com o núcleo, outros professores e grupo de educação física, foi possível estabelecer e desenvolver positivamente esta ligação e o bom clima relacional, cooperação e entreajuda com toda a comunidade escolar.

Estas situações foram visíveis, em reuniões de grupo onde podemos debater o PAI, nas quais me foi concedida a oportunidade de expor as minhas ideias, as minhas sugestões. Em cooperação com as minhas colegas de núcleo e restante grupo de educação física, procedermos a várias alterações neste protocolo, de forma a ficar mais ajustado à realidade encontrada.

Avaliação

Explicita e concretiza um processo integrado e coerente de avaliação, identificando os instrumentos da avaliação formativa (inicial e contínua) e sumativa a adotar nos seus parâmetros, critérios e condições de utilização dos mesmos, garantindo que formam entre si um todo coerente

Segundo Carvalho (1994), avaliar é “o processo que nos permite recolher e interpretar informações para tomar decisões” podendo “identificar-se três tipos de informações diferentes que estão na origem de decisões em propósitos distintos”.

No início do ano ocorreu o primeiro momento de avaliação, onde “queremos saber o que é que os nossos alunos podem aprender, situamo-nos no quadro da avaliação inicial” (Carvalho, 1994). Esta ocasião foi fundamental e regeu todo o planeamento e o processo de condução ensino-aprendizagem. Outro momento de avaliação, que ocorreu frequentemente durante todo o ano letivo, possibilitou recolher as “informações que nos permitem ajuizar da forma como os alunos estão realmente, e aprender, o nosso propósito é o de, no quadro da avaliação formativa, regular o processo ensino aprendizagem aproximando-o da direção definida” (Carvalho, 1994).

Por fim, o último momento de avaliação, coincidiu com o final de cada período letivo e “quando está em causa uma decisão de classificação dos alunos”, sendo que “em função do grau de consecução dos objetivos, estamos no domínio da avaliação sumativa”. (Carvalho, 1994).

No que diz respeito à avaliação inicial (AI) e avaliação sumativa (AS), existe um conjunto de instrumentos criados pelo grupo de educação física, nomeadamente, o PAI e o protocolo de avaliação sumativa (PAS), que permitem avaliar de forma mais justa e igual todos os alunos, tendo sido desta forma um fator facilitador no meu processo de avaliar.

Sendo a avaliação o “presumir das decisões curriculares, só faz sentido se for assumida na sua pluralidade de funções – orientadora, reguladora e certificadora” Cardiner (1986 in Araújo, 2007, p. 121). Pelo que a avaliação se torna uma ferramenta para o controlo constante da condução do processo ensino-aprendizagem.

A aplicação do PAI decorreu bastante bem, visto que este protocolo é bastante claro, no que diz respeito aos objetivos, formas de realizar os exercícios e indicadores de observação. Senti a necessidade de realizar alguns exercícios critério complementares, para concluir a minha avaliação em algumas matérias.

Outra situação a destacar, foi na modalidade de luta, onde os alunos se encontravam todos, no nível elementar segundo o PAI. Contudo denotei que este não está ajustado ao PNEF e desta forma, o diagnóstico foi que os alunos na sua generalidade se encontravam no nível introdutório, sendo prognosticado que estes deveriam consolidar este mesmo nível. Desta forma, optei por abranger o maior número de técnicas possíveis, fazendo ajustamentos ao longo do ano letivo, para que os seus conhecimentos e competências pudessem estar ajustados ao seu nível do PNEF.

Relativamente à avaliação sumativa esta foi-me facilitada, devido à existência de um PAS no grupo de educação física, bem definido e estruturado. Assim, com os dados recolhidos da avaliação formativa, e noutros casos, de uma avaliação mais específica e detalhada, foi-me possível saber qual o nível a atribuir a cada aluno nas atividades físicas. A forma como este documento está estruturado permite de uma forma fácil e prática, saber que nível atribuir ao aluno no final do período. Está definido que os alunos têm que ser avaliados nas áreas de atividades físicas, conhecimentos e aptidão física, sendo que a nota das atividades físicas, é que rege a nota final. Assim, ao colocar os dados das atividades físicas, a aplicação que serve de apoio ao PAS vai escolher as melhores matérias dos alunos, de acordo com as diferentes categorias e com o número de matérias a selecionar, e concordante se é o 1º, 2º ou 3º período, sendo que as notas das áreas dos conhecimentos e aptidão física, condicionam se o aluno mantém ou desce a nota das atividades físicas.

Todo o processo de avaliação foi bastante claro, e os alunos estavam bem elucidados destas mesmas regras de atribuição de notas. Foi possível a constatação deste facto no final dos períodos, quando confrontada a autoavaliação (AA) dos alunos, com a avaliação sumativa (AS), a grande maioria dos níveis correspondiam. Este fator foi bastante importante, pois os alunos sabiam o porquê de terem determinado nível, e também tinham conhecimento do que fazer para obter outro resultado. Uma situação que ajudou também os alunos a saberem onde se encontravam, em cada uma das três áreas de avaliação, foi ter proporcionado aos alunos e encarregados de educação, folhas de avaliação formativa, diferenciadas por áreas, e mais concretamente na área das atividades físicas, especificando por modalidades, o que precisavam de melhorar, e as formas de o fazerem. Esta situação, além de clarificar e auxiliar o processo avaliativo, fez também com que os alunos tivessem uma evolução notória, porque tinham um conjunto de objetivos específicos para poderem evoluir e desenvolver.

Utiliza os procedimentos de avaliação inicial de forma a garantir os juízos prognósticos que permitam estimar as prioridades de aprendizagem e diferenciar os objetivos previstos nos programas oficiais

Segundo o PNEF (2001) “ Avaliação Inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou

procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ou plurianual, caso considerem necessário.” (p. 22)

Sendo que “a avaliação inicial constitui o objeto da primeira etapa de trabalho com a turma, no início do ano letivo, e a sua função consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias selecionadas e, eventualmente, proceder à revisão/atualização dos resultados obtidos no ano anterior” (Brás e Monteiro 1998 in Protocolo de Avaliação Inicial), os grandes objetivos são: por um lado, diagnosticar o nível em que se encontram os alunos nesta fase do ano letivo (incluindo, quer as suas limitações quer as suas capacidades) e por outro lado, prognosticar o seu desenvolvimento ao longo do ano letivo.

“No início do ano somos confrontados com a necessidade de orientar o processo de ensino-aprendizagem, de escolher e definir os objetivos que vamos perseguir” (Carvalho, 1994). Assim, com a elaboração da avaliação inicial foi-me possível conhecer a dinâmica da turma na disciplina de Educação Física, verificar o nível de rotinas de trabalho e organização da turma, avaliar o nível inicial dos alunos em todas as matérias e áreas constituintes de Educação Física, bem como projetar onde podiam chegar no final do ano letivo, definir a organização das etapas do ano letivo e recolher informações para definir as prioridades de desenvolvimento para as etapas seguintes, tanto nas matérias prioritárias como nos alunos, através da diferenciação de ensino. Estas estratégias vão ao encontro de Araújo (2007) quando refere que “reconhecer que gostaríamos de ensinar de acordo com as prioridades de desenvolvimento dos nossos alunos, coloca-nos a necessidade de saber quais são essas prioridades, de as definir e de as perseguir enquanto objetivos de aprendizagem, a concretizar nas nossas aulas”. Não esquecendo que “o processo de avaliação inicial tem, assim, por objetivos fundamentais, diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas e prognosticar o seu desenvolvimento, e, perceber quais as aprendizagens que poderão vir a realizar com a ajuda do professor e dos colegas, na aula de Educação Física” (Araújo 2007, p.138). Assim, no que diz respeito à avaliação inicial, penso que utilizei os procedimentos de forma a garantir um diagnóstico e, consecutivamente um prognóstico, que procurou evidenciar o desenvolvimento das matérias prioritárias e desenvolver os objetivos estipulados nos Planos Plurianuais de Educação Física. O prognóstico foi realizado, em função do nível em que os alunos se encontravam nas diferentes modalidades no decorrer da avaliação inicial, bem como da perspetiva que tive, de que competências os alunos poderiam vir a adquirir ao longo do ano letivo, de acordo com as suas capacidades e com o PNEF.

De acordo com Araújo (2007) “com base nos dados do Plano Plurianual, mesmo antes de procedermos à sua aferição, em noção dos dados resultantes da Avaliação Inicial, e tomando como referência o Programa Nacional de Educação Física será possível esquematizar, de uma forma sintética, mas clara, qual vai ser o Currículo dos alunos, num determinado ano letivo” (p.122). No caso da minha turma, após a realização da avaliação inicial, e comparando os resultados de diagnóstico dos alunos com os objetivos propostos pelo PNEF, pude reconhecer algumas matérias, como modalidades prioritárias, tais como: o Voleibol, a Ginástica de Solo, Ginástica de aparelhos (Boque/Plinto) e Ginástica acrobática.

Uma ferramenta essencial neste processo foi o PAI, porque este documento forneceu uma diversidade de instrumentos para a avaliação dos alunos, ajudando o professor, pois segundo Rosado (2003), permite “ efetuar diagnóstico e prognóstico e identificar o nível inicial de cada turma e de cada aluno em particular relativamente ao nível em que se encontram no programa de Educação Física e assim decidir sobre quais os objetivos anuais, quais as prioridades formativas, quais os objetivos prioritários e quais os objetivos secundários”.

Utiliza os procedimentos de avaliação formativa focando-os nas decisões de planeamento e num juízo sistemático de diagnóstico do processo ensino-aprendizagem, garantindo a produção de informações válidas para os alunos e conselho de turma/encarregados de educação e a adoção de decisões de adequação do planeamento.

Segundo Carvalho (1994) a avaliação formativa pode ser entendida como uma avaliação continua, que ocorre informalmente em todas as aulas, resultado da interação do aluno com o professor, com os colegas e com o próprio, e que se revela nos desafios colocados, nos feedbacks emitidos, na adaptação das tarefas, na reorganização de grupos, e nas decisões a problemas de disciplina. Para o mesmo autor, esta avaliação pode manifestar um carácter formal e pontual, de balanço da actividade realizada num determinado período de tempo, retificando assim a avaliação continua e permitindo tomar decisões relativamente ao trabalho a ser efetuado.

Desta forma, a avaliação formativa não deve ser realizada em momentos isolados, mas sim num carácter regular. Pressupõe assim uma observação sistemática dos comportamentos que se querem avaliar, sendo, para isso necessário que se conheçam os objetivos educacionais, previamente definidos, de modo a podermos verificar qual a evolução conseguida (Aranha, 1993).

Esta prática de criação de momentos regulares de avaliação contrapõe a confrontação constante entre as aprendizagens que definimos como objetivos e o que os alunos demonstram saber e fazer. De acordo com Onofre (1996), a avaliação incide sobre muitos mais elementos do que aos produtos da aprendizagem, servindo mais propósitos que o da classificação, tendo início muito antes do período final de formação, em momentos que antecedem o ensino-aprendizagem, devendo desenvolver-se depois de forma continuada.

Os procedimentos aplicados devem assegurar a utilidade e a validade dessa apreciação, ajudando o aluno a formar uma imagem consistente das suas possibilidades, motivando o prosseguimento ou aperfeiçoamento do seu empenho nas atividades educativas e, também, apoiando a deliberação pedagógica (PNEF, 2001, p.27). Desta forma a avaliação formativa tem o objetivo não só de avaliar, mas também de permitir ao professor retirar um conjunto de informação que permitirá criar e adaptar diferentes estratégias e opções metodológicas, tanto no seu planeamento como na condução de ensino. Este tipo de avaliação tem também um conjunto de vantagens para os alunos, uma vez que poderá reger a aquisição de conhecimento, através da obtenção de variada informação, que servirá para adquirir, desenvolver e consolidar um conjunto de capacidades e competências. Para Araújo (2007) “as informações recolhidas na avaliação inicial dos alunos e na avaliação formativa, ao longo do ano, permitem-nos estabelecer concretamente essas prioridades/objetivos e ajustar sistematicamente a atividade dos alunos ao sentido do seu desenvolvimento” (p.139).

Esta avaliação não se pode restringir exclusivamente a uma só área, deverá ser o mais abrangente possível, devendo estar presente em todas as áreas de avaliação “A aptidão física, os conhecimentos e as atividades físicas, constituem os objetos privilegiados na avaliação em Educação Física. De uma forma implícita à avaliação das várias matérias, podemos observar, na explicitação dos seus objetivos específicos, em todos os níveis, um conjunto de objetivos que dizem respeito às atitudes e valores” Araújo (2007, p.124).

Relativamente ao meu processo de formação, este era um ponto em que revelava algumas dificuldades, principalmente numa fase inicial, devido a ter diferentes focos de atenção e preocupação. A partir do momento em que estabilizei e consolidei algumas competências como a condução de ensino e o controlo da turma, consegui investir e evoluir bastante na avaliação formativa. Consegui ver, na prática, a real importância desta área, tanto para mim como para os alunos. Ao retirar um conjunto de informação essencial (através de fichas de registo, tirar notas durante as aulas ou breves reflexões

no final das mesmas), consegui selecionar, criar e ajustar com mais facilidade as situações para cada aluno ou grupo de alunos. Também, através de um instrumento que forneci aos alunos, estes tiveram a possibilidade, de saber o seu estado e evolução em todas as áreas, e no caso das atividades físicas, especificamente em cada modalidade, o que deveriam melhorar e de que forma o poderiam fazer. Após este momento, notei em alguns alunos uma maior motivação, e uma maior capacidade para rentabilizar as situações de aprendizagem criadas.

Como consequência deste processo, conseguiram adquirir, desenvolver e consolidar um conjunto de competências essenciais para a sua evolução.

“A necessidade de diversificar o instrumento avaliativo, bem como, de promover e valorizar mais as situações de avaliação de cariz menos formalizado, de modo a que os alunos tenham mais oportunidades para demonstrar aquilo que sabem e são capazes de fazer sem estarem pressionados pela questão do tempo, característica habitual das avaliações de natureza formal “. (Fernandes 1997 in Dias e Rosado, 2003)

Outra vantagem que pude retirar da avaliação formativa, centrou-se no facto de não ter que realizar um momento específico de avaliação sumativa. Ao ter o hábito de realizar esta avaliação formativa de forma sistemática, permitiu-me também facilitar a avaliação sumativa, uma vez que obtive um conjunto diversificado de informação sobre as diferentes áreas e matérias que foram abordados nas aulas.

Utiliza os procedimentos de avaliação sumativa, justificando o seu resultado em função das áreas de extensão e normas de referência para a definição do sucesso em Educação em Física

Ao abrigo do Despacho Normativo Nº 30/2001, referente à avaliação das aprendizagens dos alunos do Ensino Básico, a AS “ consiste na formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular e disciplina, no quadro do projeto curricular de turma respetivo, dando uma atenção à evolução do conjunto dessas aprendizagens e competências.”

A avaliação sumativa pretende ajuizar o processo realizado pelo aluno, no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de

ensino (Ribeiro, 1989). A avaliação sumativa de acordo com o que é definido no PNEF, “as condições de aprovação ou retenção em cada um dos anos de escolaridade são da responsabilidade do DEF e será nesse quadro, que serão determinadas todas as questões relativamente à Avaliação dos Alunos”. No nosso grupo disciplinar de Educação Física existe um PAS, bastante bem elaborado e prático, com o objetivo de tornar a avaliação clara, justa e rigorosa.

Assim, com os dados recolhidos, consegui que a utilização do PAS, fosse feita de uma forma fácil e prática, sabendo que nível atribuir aos alunos no final do período, avaliando as atividades físicas, conhecimentos e aptidão física. Sendo a nota das atividades físicas, a reger e estipular o nível final, a aplicação que serve de apoio ao PAS, vai escolher as melhores matérias dos alunos, de acordo com as diferentes categorias, com o número de matérias a selecionar, e concordante se é o 1º, 2º ou 3º período. As áreas dos conhecimentos e aptidão física serviram para que o aluno mantenha ou altere a nota definida pela área das atividades físicas.

Para a avaliação dos conhecimentos, foi realizado em cada período, um teste de avaliação escrito sobre as matérias teóricas abordadas (fontes de energia, conceitos de aptidão física, identificação das características marcantes de estilos de vida saudáveis, desenvolvimento das capacidades motoras, noções de frequência cardíaca máxima, repouso e de treino), e as matérias das aulas práticas. Para além destes testes, foi realizada também uma ficha de trabalho em cada período sobre diferentes temas (uso do doping, as ajudas na ginástica e a importância da Educação Física na vida futura dos alunos), que também foi avaliada e associada à nota dos conhecimentos.

A natureza e significado do nível de aptidão física e suas implicações como suporte da saúde e bem-estar e como condição que permite ou favorece a aprendizagem, tornam fundamental que em cada ano de escolaridade os alunos atinjam essa “zona saudável” (Jacinto et al 2001). Para a avaliação da área da aptidão física, os alunos realizaram no final de cada período diferentes testes da bateria do fitnessgram, para avaliar a capacidade cardio-respiratória (teste do vaievem), força (teste de extensões de braços e teste de abdominais) e flexibilidade (teste do senta e alcança e teste de flexibilidade de ombros). Para os alunos estarem na zona saudável de aptidão tinham, que estar aptos na capacidade cardio-respiratória, num dos testes de força e num teste de flexibilidade, de acordo com o seu género e idade.

No desenvolvimento das atividades desta área manifesta de cooperação com os diferentes intervenientes, num clima de cordialidade e respeito, de inter ajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade

Temos que ter sempre presente que:

“A avaliação pedagógica não apenas como um processo imprescindível na estruturação e controlo das condições para que os alunos possam beneficiar da melhor forma possível no domínio da atividade física, mas também, como um mecanismo determinante para a análise do contributo curricular da EF e das suas condições de desenvolvimento no processo educativo das crianças e jovens” (Onofre, 1996).

Segundo Araújo (2007) “a definição e a adoção de uma referência que, por um lado, dará fundamento à apreciação do objeto observado/avaliado e, por outro lado, permitirá uma maior fiabilidade e consistência nas apreciações realizadas pelos vários intervenientes (o professor, o aluno, os professores) ”.

Relativamente a este item, penso que consegui desenvolver e rentabilizar esta capacidade de cooperação com todos os intervenientes, sempre num clima bastante positivo, expondo sempre as minhas perspetivas sobre questões relacionadas com a avaliação. No grupo disciplinar onde estava inserido existiu sempre um constante diálogo sobre questões relacionadas com avaliação, o que constituiu um fator bastante importante, pois houve uma constante troca de experiências, dúvidas, soluções e estratégias, quer com colegas de estágio, como com a orientadora ou com o restante grupo de Educação Física, no sentido de se conseguir criar e proporcionar uma avaliação o mais justa e eficaz possível.

No que diz respeito à avaliação inicial e sumativa, foi bastante importante a ajuda dos restantes professores do grupo, no sentido de compreender profundamente o PAI e PAS. Penso que consegui aplicar ambos os protocolos com rigor e coerência. No final do 1º período, criei um conjunto de sugestões para alteração do PAI, visto que verifiquei que este precisava de alguns ajustamentos de acordo com o que foi observado na prática, mais concretamente na atribuição de determinados níveis, como por exemplo, no caso da luta, ou também a alterações de algumas situações de exercícios e critérios de avaliação referentes a modalidades específicas da escola, como o speedminton e streetsurf. Estas minhas opiniões foram ouvidas e discutidas com alguns elementos do grupo, tendo parte delas sido aprovadas para a sua inserção no PAI e a sua utilização no ano seguinte.

Em relação à Avaliação Formativa, também foi bastante importante a cooperação com o grupo de educação física e núcleo de estágio, partilhando constantemente perspectivas da importância deste tipo de avaliação, bem como de formas diferentes de o fazer, ou partilha de alguns instrumentos de avaliação, tais como fichas de registo.

Desta forma, considero que este ambiente vivido no grupo de educação física e no núcleo de estágio, aliado à minha aptidão de trabalhar em grupo, revelando uma boa capacidade cooperativa, fizeram com que pudesse adquirir um conjunto de conhecimentos bastante importantes, e contribuir também com as minhas opiniões e conhecimentos, para enriquecer os meus colegas e o trabalho referente à avaliação neste grupo de educação física.

Condução de ensino

Para Carreiro da Costa (1985) “a prática pedagógica é um problema central da ação educativa, que não deve ser analisada em si, mas como um longo processo que materializa as várias opções tomadas pelo docente durante a organização do ensino e da aprendizagem” (p. 4). Um dos fatores de sucesso pedagógico como refere Onofre (1995), é a mediação do processo educativo “o nível de intervenção na sala de aula é uma área crítica da função do professor e que, aí, essa intervenção tem que se pautar por uma elevada competência técnica e pedagógica.” (p.79).

O professor deve ter a capacidade de criar situações de aprendizagem favoráveis a todos os alunos, de forma a potenciar o nível de individual de cada um. Desta forma as competências do professor devem ultrapassar não só o seu conhecimento obtido ao longo da sua formação e experiência, mas também a capacidade de adaptação e tomadas de decisão em função de diferentes contextos e alunos.

As competências solicitadas aos professores estagiários na área da condução de ensino, vão ao encontro das categorias definidas por Siedentop (1983), que refere que a condução está dividida em sete procedimentos, utilizados na fase interativa, e são eles: estilo de ensino, estruturas organizativas e procedimentos de gestão de aula, instrução, acompanhamento ativo da aprendizagem dos alunos, disciplina, clima, gestão do conteúdo das tarefas de aprendizagem e processos de observação.

Utiliza e justifica os estilos de ensino, as estruturas organizativas e os procedimentos de gestão da aula de forma adequada aos objetivos operacionais e condições de ensino, respeitando os seus princípios pedagógicos e procedimentos didáticos.

Os estilos de ensino são a forma como se pode transmitir a informação aos alunos e conduzir o processo ensino aprendizagem. Estes podem e devem ser variados, tentando sempre ser adaptados à realidade encontrada. Devem ainda ser coerentes com a matéria que estamos a lecionar, sendo ajustados aos alunos, grupos de alunos e turma, e também poderão variar consoante a etapa em que determinada aula está inserida. Preferencialmente foi utilizado ao longo das diferentes etapas, o estilo de ensino para a tarefa, independentemente do espaço onde decorreram as aulas, pois existia sempre um conjunto de estações e determinadas tarefas a realizar nas mesmas. Neste estilo de ensino, segundo Mosston & Asworth (2008), apesar do professor ser o centro do processo, o aluno assume algumas decisões relativas às tarefas a realizar. O professor seleciona os objetivos, escolhe as estratégias e determina as formas de organização (menos rigorosas). O professor encontra-se mais livre em relação às preocupações com a organização, explicação e comando, o que permite que concentre as atenções nas aprendizagens dos alunos, realizando um acompanhamento individual (feedback) na realização das tarefas. O aluno tem a responsabilidade de decidir acerca do espaço, tempo e ritmo para a realização da tarefa proposta, permitindo individualizar as situações de aprendizagem. Neste estilo de ensino, expliquei quais os objetivos que pretendia para determinada tarefa, bem como, o modo como os alunos, os conseguiriam alcançar. O conhecer melhor a turma e os alunos, foi bastante importante, pois permitiu-me saber que para determinada matéria tinha que ter alguns comportamentos e para outras teria que optar por outro tipo de comportamento ou abordagens, nomeadamente, ter um acompanhamento mais ativo em matérias onde os alunos tinham mais dificuldades ou estavam menos motivados.

Ao longo do ano letivo consegui ter noção de como deveria abordar ou intervir individualmente com cada aluno. Os professores devem ter sempre esta preocupação e de uma forma contínua, para puderem adaptar estilos de ensino, que permitam rentabilizar as capacidades dos alunos e para aumentar a aquisição de conhecimentos.

Outro fator importante foi ter tido a capacidade de refletir sobre algumas questões de estilos de ensino e de formas de abordagem das aulas e dos alunos. O perceber que, para determinado aluno deveria ser eu a ter um papel mais ativo na gestão dos conteúdos, enquanto para com outros alunos, eles tinham a capacidade e conseguiam, de uma forma autónoma, gerir as competência que lhes tinham sido exigidas.

O analisar, sobre se aquela estratégia ou estilo resultou ou não, ou de que forma podia ter resultado, o experimentar e voltar a tentar pôr na prática, permitiram-me moldar a minha capacidade de condução do ensino a esta turma e a estes alunos. Através deste

conhecimento, sobre os alunos, dinâmicas e capacidade de trabalho individual e coletivo, fez-me ter a percepção e criar uma sensibilidade sobre a forma de abordar determinadas matérias, intervir com os diferentes alunos em variados momentos da aula, unidades de ensino ou etapas. Estas competências adquiridas, revelaram-se fundamentais, para ao meu futuro profissional, pois fomentaram em mim, a compreensão da importância que é ter um conhecimento da turma e dos alunos, para poder gerir e adotar os estilos de ensino mais apropriados a cada momento ou matéria.

Outro estilo utilizado, por exemplo nos aquecimentos nas aulas de dança ou nas provas de aptidão física, foi o estilo por comando, e neste segundo (Mosston & Asworth, 2008) o professor é quem toma todas as decisões, determinando os objetivos da aula, escolhendo as atividades, fornecendo as informações precisas sobre o que executar, avaliando e corrigindo. O aluno tem como funções seguir as indicações fornecidas pelo professor, sendo um elemento passivo a quem compete apenas repetir, executar, obedecer e seguir as decisões tomadas pelo professor. Neste estilo, apenas é possível uma resposta, ou seja, a um estímulo do professor, deve corresponder uma resposta desejada, por parte do aluno.

Um terceiro estilo de ensino ainda abordado, foi o do ensino recíproco. Este, para Mosston & Asworth (2008) faz com que a autonomia do aluno aumente no que concerne às atividades de avaliação da aprendizagem, passando a ter a responsabilidade de ajudar e ser auxiliado por um colega. Desta forma foram fornecidos os critérios que foram utilizados por eles, para avaliarem o desempenho dos colegas (fichas critério). Com a utilização deste estilo de ensino, fez com que obtivesse uma maior atenção por parte dos alunos avaliadores do que nos executantes, tendo o cuidado de não corrigir diretamente os últimos. Este estilo foi usado no momento de avaliação inicial, o que facilitou bastante este processo. Além deste período, este ensino recíproco foi também utilizado ao longo do ano e forneceu informações para a avaliação formativa. Com a utilização deste estilo o aluno que estava a avaliar, quando passou a ser avaliado já tinha uma noção muito mais concreta dos critérios que se pretendiam avaliar e, desta forma, desenvolveu um trabalho direcionado para estes mesmos critérios.

A utilização de determinado estilo de ensino em detrimento de outro, justifica-se através das opções pedagógicas pretendidas pelo professor ou pelas características da turma. Assim o estilo de ensino para a tarefa, constitui o estilo preferencialmente utilizado, visto querer promover junto da minha turma, responsabilidade e autonomia para o desenvolvimento das tarefas e objetivos definidos. Relativamente ao estilo por comando, utilizei nas minhas aulas, onde todos os alunos realizavam a mesma tarefa em

simultâneo, como aulas de dança, e momentos mais formais de avaliação como a aptidão física. Tentando, desta forma garantir um controlo mais eficiente na turma, para que a maioria dos alunos pudessem executar corretamente o que lhes tinha sido pedido.

Segundo Onofre, M. (1995) é importante minimizar o tempo relativo à organização “ Para ultrapassar este problema o professor deverá procurar que os alunos automatizem as rotinas organizativas das sessões” implicando “um esforço de diferenciação das rotinas organizativas próprias de cada tipo de atividade e o treino dos alunos na adoção dos comportamentos organizativos que lhe são correspondentes.”

No que diz respeito à organização dos alunos, constituí os grupos de trabalho sempre antecipadamente, e antes das aulas indicava sempre o que cada grupo tinha que efetuar, de que forma eram feitas as rotações, procurando que estas fossem realizadas de forma rápida. Em relação à gestão do tempo, foi essencial desenvolver a capacidade de planear o mais pormenorizadamente as aulas e as tarefas, ter a capacidade de prever com o máximo de rigor possível, qual o tempo previsível para cada atividade ou exercício. Este planeamento foi cada vez mais eficaz, ajudando o facto de, com o decorrer do ano letivo, ter adquirido uma perceção mais concreta do tempo que demora a prática para cada atividade. Uma outra situação importante para rentabilizar esta gestão de tempo, foi a criação de rotinas de trabalho, tais como a montagem e arrumação de material, o garantir que os alunos iniciem o trabalho e tenham maior produtividade nas atividades, bem como, o criar um conjunto de sinais visuais e sonoros (ex: sinais para se reunirem, ou sinais de rotações de espaços). No que concerne à dimensão gestão dos materiais, mais uma vez, a chave do sucesso foi ter desenvolvido a capacidade de planeamento, garantindo os materiais que eram necessários e sua disposição no espaço. Outra estratégia importante, foi o planeamento da gestão destes materiais (ex: montar determinado equipamento durante o aquecimento, falar com professor que deu a aula anterior ou posterior à minha, para saber se existia algum material comum às duas aulas). Ainda em relação a este ponto, um outro objetivo em que investi bastante, e cujos resultados colhi, foi o de garantir que os alunos participassem ativamente, efetuassem um correto manuseamento dos materiais (montagem e arrumação), garantindo sempre a integridade física dos alunos e professor. Estas situações fizeram com que perdesse menos tempo em todas as aulas, conseguindo aumentar o tempo potencial de aprendizagem dos alunos.

Utiliza e justifica os procedimentos de informação sobre as atividades da aula de modo a assegurar a sua compreensão pelos alunos

De acordo com Siedentop (1991, in Mesquita 1998, p.68) “o termo, instrução refere-se aos comportamentos de ensino que fazem parte do repertório do professor para comunicar informação substantiva. Dela fazem parte todos os comportamentos, verbais ou não verbais (e.g. explicação, demonstração, *feedback*, entre outras formas de comunicação acerca do conteúdo) que estão intimamente ligados aos objetivos da aprendizagem”.

A instrução deve sempre ir ao encontro das tarefas que o professor pretende que os alunos cumpram, como refere Doyle (1992, in Mesquita 1998, p. 57) “é através das relações que os alunos estabelecem com as tarefas de aprendizagem, que o professor ou treinador encontra o verdadeiro significado para explicar, questionar e motivar. Para que essa ação seja profícua, concorre a explicitação concisa dos propósitos que justificam a realização das tarefas; a comunicação clara das operações necessárias para a sua consecução, bem como o acompanhamento da execução”.

A dimensão instrução contempla diferentes ações, segundo Onofre (1995), todas as intervenções do professor que contribuem para melhorar a aprendizagem dos alunos, como o balanço das aulas, a maneira como apresenta a atividade, fazem parte da instrução. Segundo o mesmo autor existem dois aspetos a ter em conta no que respeita à dimensão Instrução, o primeiro diz respeito à tentativa de reduzir o tempo gasto nos momentos de informação à turma, não podendo essa informação ocupar muito tempo na sessão, sob pena de restar pouco tempo para a prática. O segundo refere-se à necessidade de realizar uma instrução clara e objetiva, pois dela vai depender o grau de consciência sobre os desafios de aprendizagem com que o aluno parte para a atividade e, conseqüentemente como o aluno se empenhará no cumprimento desses desafios.

No sentido da instrução ser eficaz, como as referências bibliográficas referem, procurei em primeira instancia garantir que a turma estava em silêncio para poder proceder à minha instrução, bem como falar de uma forma calma e fluída. Outra estratégia utilizada de forma a assegurar a compreensão pelos alunos, foi recorrer com regularidade ao questionamento aos alunos sobre a informação dada. Desta forma, por um lado, garantia que estavam atentos porque sabiam que os podia questionar a qualquer momento, e por outro lado dava-me a possibilidade de verificar também se estavam a adquirir o conhecimento e as informações que lhes estava a transmitir. Outro aspeto importante tido em consideração foi a preparação da minha instrução, idealizando como iria transmitir a informação aos alunos, tentando sistematizá-la e sintetizá-la,

recorrendo à “utilização de palavras-chave capazes de levar à identificação de estímulos relevantes, de forma a permitir o desencadeamento da resposta motora pretendida” (Abernethy e Russel, 1987; Landin, 1994, in Mesquita, 1998, p.63). Para complementar e enriquecer a minha instrução, recorri sempre que necessário, a documentos de apoio (ex: elementos a executar, figuras a realizar, slides das aulas teóricas, entre outras) porque a “informação visual é simultaneamente mais concreta e sincrética que a informação auditiva (mais abstrata e analítica)” (Onofre, 1995, p.82).

Outra estratégia utilizada e para complementar a minha instrução foi o recorrer a demonstrações (tanto da minha parte, como de alunos) pois a terem uma referência visual, permite uma maior compreensão do que devem fazer, tornando-se assim um fator facilitador na aquisição de conhecimento. Procurei também, entre as rotações das estações, informar alguns aspetos comuns sobre pontos positivos, menos positivos ou alguma situação a destacar, de forma a corrigir ou rentabilizar determinada estação ou exercício.

Ao longo deste processo de formação, verifiquei, com o auxílio da minha orientadora e colegas de estágio, o uso repetido de determinadas expressões. Para proceder à eliminação destas palavras, integrei nos meus planeamentos que esta situação fosse um objetivo do professor, desta forma focalizei-me nestas situações, e consegui que de uma forma natural estas expressões fossem vindo a diminuir até à sua supressão.

No que diz respeito à instrução final, procurei sempre sintetizar e resumir o que tinha sido abordado, reforçar o que na aula tinha corrido melhor e identificando o que devia ser melhorado e esclarecer os alunos sobre eventuais dúvidas que ainda persistissem. Aproveitei sempre estes momentos para também introduzir alguns aspetos da próxima aula, procurando sempre que esta informação tivesse um conteúdo positivo e salutar, bem como valor pedagógico.

Utiliza e justifica os procedimentos de acompanhamento ativo da atividade de aprendizagem dos alunos, nomeadamente as estratégias de observação /diagnóstico e formas de feedback pedagógico, obtendo elevados níveis de empenhamento e motivação dos alunos na aprendizagem

Ao longo do processo ensino-aprendizagem, a intervenção do professor ao aluno, não pode centrar-se apenas na instrução inicial, pelo que deve existir um acompanhamento ao longo de toda a atividade dos alunos. O acompanhamento depende

da qualidade com que o professor é capaz de estar atento à atividade dos alunos. É também importante a interação do mesmo com os diferentes alunos (Onofre, 1995).

Para que a intervenção e acompanhamento das atividades ocorra com sucesso, é necessário um processo de observação atenta das atividades, por parte do professor (Onofre, 1995). O feedback pedagógico é então, segundo o mesmo autor, o conjunto de informações que o professor comunica ou suscita acerca da forma como o aluno realizou ou deveria ter realizado determinada tarefa. À medida que o ano se foi desenrolando e com o conhecimento dos alunos se foi aprofundando, consegui com mais facilidade adequar o tipo de feedback (individual, grupo ou turma). Esta adaptação também se fez notar quanto à forma de feedback quer sejam visuais, auditivos, mistos ou quinestésicos. Em relação a este último, realizei um grande investimento e evolução, pois este era um dos aspetos de maior dificuldade no início do meu processo de formação. Procurei incentivar e motivar os alunos, transmitindo feedbacks positivos no sentido de proporcionar-lhes “uma participação mais motivada na aprendizagem (nomeadamente naquelas atividades em que sente menos à vontade)” (Onofre, 1995, p.85).

De acordo com o mesmo autor, é importante e necessário que o professor acompanhe a atividade que o aluno desenvolve após ter transmitido um feedback, ou seja cumprir o ciclo do feedback, isto porque o objetivo do feedback é ajudar os alunos a ultrapassarem a dificuldade, não podendo esgotar-se em si mesmo. É também importante segundo o mesmo autor, o uso de feedbacks positivos em detrimento de feedbacks negativos. No que diz respeito ao meu processo de formação, inicialmente tive algumas dificuldades em fechar o ciclo de feedback. Durante a 2ª e 3ª etapa de formação, defini essa situação como um objetivo da minha formação, e no final da 3ª etapa, já tinha essa competência consolidada. Assim, após ter transmitido um determinado feedback a um aluno ou grupo de alunos, observei quais as alterações no comportamento motor, que tinham sido reflexo da minha instrução, e após verificar essa alteração, informava esse mesmo aluno ou grupo de alunos, sobre o seu novo desempenho.

No que se refere ao acompanhamento da atividade, outro aspeto que tive em conta, foi a utilização do feedback para garantir o controlo da turma, fazendo assim o supervisionamento de forma ativa, transmitindo feedback à distância para que pudesse fazer sentir, junto dos alunos, a minha presença na aula. Este fator, associado à “manutenção de um deslocamento periférico relativamente à zona central do espaço letivo procurando garantir uma colocação que permitisse a observação global da aula”

(Onofre, 1995, p.84), foram procedimentos essenciais para ajudar à criar condições favoráveis à observação, e ao acompanhamento ativo da atividade de aprendizagem.

Utiliza e justifica os procedimentos de prevenção e remediação dos comportamentos inapropriados dos alunos, obtendo uma adequada participação dos mesmos nas atividades para que são solicitados durante a aula

De acordo com Onofre (1995) “se preconizamos uma abordagem preventiva dos problemas da disciplina na relação pedagógica, fazemo-lo como princípio pedagógico, não escamoteando o facto que de uma quantidade considerável dos professores se confronta, à partida, com quadros individuais ou grupos de indisciplina que merecem uma intervenção tipicamente remediativa” (p.88).

Desta forma é importante destacar, quais as formas de fomentar e ajudar os alunos a descobrirem o gosto e prazer pelas aulas e as vantagens para si em estarem numa sala de aula numa sessão de trabalho de forma empenhada e motivada. O professor deve ainda promover nos alunos, comportamentos e atitudes de forma a não perturbarem os colegas, respeitando o espaço dos mesmos, podendo sempre que pertinente, dar a sua opinião e apresentar o seu ponto de vista.

Segundo o mesmo autor “as regras têm de ser elaboradas para que os alunos entendam a obrigatoriedade e cumprimento das mesmas, sendo demonstrado o carácter positivo do respeito pelas mesmas, visto terem uma implicação no clima da aula. Não devem ser referidas muitas regras, visto que devem ser apreendidas rapidamente e reforçadas para que estas se mantenham. Deverá existir o controlo do uso das regras, garantindo a segurança e o interesse nas atividades.” (p.90)

Inicialmente, tive algumas dificuldades em conseguir que os alunos cumprissem as normas, respeitassem os colegas e a dinâmica que pretendia implementar nas aulas. Estas dificuldades foram colmatadas ao longo do 1º período, através da criação de um conjunto de regras de conduta, o que permitiu alcançar bons níveis de produtividade e desempenho das competências desejadas.

Para Onofre (1995) “ a promoção da atitude e comportamento de disciplina ou a modificação da atitude ou comportamento de indisciplina são aquisições que apenas se revelam a médio ou longo prazo” (p. 88).

Em relação a esta dimensão, foi importante garantir o respeito por parte dos alunos pelas regras de conduta estabelecidas, o decorrer das aulas sem casos de indisciplina e, ter uma rápida intervenção caso isso acontecesse. Ao longo do ano existiram situações que me permitiram aperfeiçoar esta área, tal como conseguir detetar

e estar atento aos alunos que frequentemente estavam na origem dos focos de perturbação, tendo assim um papel ativo (com ajuda da orientadora e diretora de turma) na alteração desses mesmos comportamentos. Outros fatores preponderantes foram o desenvolvimento de rotinas e hábitos de trabalho, desenvolvimento da capacidade de transmitir feedbacks à distância, e responsabilização dos alunos.

Outras estratégias postas em prática remontam, como refere Onofre (1995) de “para além do estabelecimento das regras de funcionamento na sala, e para que a prevenção da disciplina possa ser eficaz, o professor deverá motivar a utilização do comportamento apropriado através de interações positivas nesse sentido” (p.90). Outras competências que adquiri e que com a sua aplicação, também constituiu uma mais-valia, foram a circulação de modo a ver todos os alunos, a realização de exercícios adequados ao nível destes, de modo a motivá-los, evitando comportamentos fora da tarefa e a disposição das estações ou materiais, de forma a evitar comportamentos inapropriados dos alunos.

Estas estratégias são reforçadas por Siedentop (1983), ao referir que existem três estratégias básicas de desenvolvimento e manutenção de comportamentos apropriados: a definição de regras simples e claras, que são discutidas em grupo e revistas frequentemente, a fixação num lugar visível para que os alunos se possam lembrar e a motivação do comportamento apropriado em interações positivas.

De acordo com a bibliografia recolhida e fazendo uma reflexão do que constituiu a minha intervenção nos procedimentos de prevenção e remediação dos comportamentos inapropriados, consegui consolidar esta competência, tendo criado diferentes estratégias e abordagens, que se revelaram fundamentais para assegurar a disciplina durante a lecionação das aulas. Estes comportamentos passaram por solidificar as regras de conduta e rotinas de trabalho, consciencializar e responsabilizar os alunos para comportamentos adequados, e ter um controlo efetivo da turma, através de um deslocamento periférico e feedback à distância.

Utiliza e justifica os procedimentos de promoção de um clima positivo de aprendizagem, nomeadamente ao nível da sua relação com os alunos, da relação dos alunos entre si e da relação de cada um deles com as exigências das situações de aprendizagem, garantindo um elevado grau de entusiasmo dos alunos.

A capacidade de liderança e o entusiasmo do professor contribuem para a melhoria do clima de aula. Ao ensinar com entusiasmo, este sentimento é transmitido aos alunos e provoca benefícios e aquisições do domínio sócio afetivo e relacional, e está

consequentemente relacionado com o sucesso dos alunos (Rosado & Ferreira, 2009). Penso que o facto de estar muito motivado e gostar particularmente de lecionar, fez com que os alunos incorporassem este espírito, criando desta forma um ambiente bastante positivo.

Inicialmente a minha grande preocupação no que se refere a esta área, foi de pretender que as aulas decorressem com um bom ambiente, sem que isso interferisse com a dimensão disciplina ou com o empenho dos alunos. Com o desenrolar do ano e o maior conhecimento da turma e a sua dinâmica, consegui que a turma, soubesse trabalhar num clima positivo, sem ter comportamentos inapropriados. Conseguindo desta forma, que os alunos desenvolvessem o interesse e gosto pelas aprendizagens desenvolvidas nas aulas, garantindo que estes cumprissem com os objetivos que lhes tinham sido propostos, respeitando todos os intervenientes, criando um ambiente salutar e propício à aquisição de conhecimentos.

A melhor forma de ensinar a trabalhar em grupo é, segundo Onofre, M. (1995) criar situações onde se promova a cooperação entre alunos, bem como o convívio do grupo. Uma outra situação que constituiu um dos meus maiores objetivos nesta área, foi promover a colaboração, interajuda e respeito de uns pelos outros, criando assim um ambiente saudável e facilitador do processo ensino-aprendizagem. Tentando que a turma conseguisse alternar situações de oposição e cooperação, em que cada aluno pudesse respeitar as dificuldades dos colegas, e os seus ritmos de aprendizagem.

Segundo Onofre (1995), o clima de aula não é apenas a relação entre o professor e o aluno, é também a relação aluno-aluno e a relação aluno-matéria. Neste sentido existiu uma melhoria significativa da relação aluno-professor devido principalmente a haver um maior conhecimento mútuo e uma constante adaptação; no que se refere à relação entre alunos esta foi melhorando, nomeadamente na questão das tarefas colaborativas e respeito pelas dificuldades. Ainda na relação aluno-matéria, ao longo do ano os alunos foram interiorizando a ideia da importância de realizarem todas as atividades, mesmo aquelas que não gostavam tanto ou em que tinham mais dificuldades. Estas relações foram sendo ao longo do ano sedimentadas principalmente devido a um conhecimento mais aprofundado da turma e à experimentação de um conjunto diversificado de estratégias para promover um clima positivo de aprendizagem.

Outras estratégias a que recorri, foram: utilização do teste sociométrico para auxiliar a formação de grupos de trabalho; a escolha de formas lúdicas de aquecimento; a promoção de situações de competição nas tarefas de aprendizagem; a valorização correta da participação e da entreajuda entre alunos; a criação de oportunidades aos

alunos de participarem em pequenas escolhas referentes à aula; o tentar alternar matérias que os alunos menos gostavam, com outras que fossem mais do seu agrado; o dar feedbacks positivos durante a realização dos exercícios, em detrimento de serem só feedbacks corretivos; a realização de exercícios motivantes nas matérias que os alunos menos gostavam; o explicar aos alunos a importância da disciplina de educação física, de algumas matérias ou de determinados exercícios; e a escolha de exercícios e atividades, fazendo “salvaguardar que estas sejam adequadas ao nível de capacidade dos alunos “ (Onofre, 1995, p.96).

No decurso da aula, realiza a gestão do conteúdo das tarefas de aprendizagem garantindo o seu ajustamento às necessidades de aprendizagens reveladas pelos alunos

Uma competência fundamental do professor é ter a capacidade de modificar e ajustar determinadas tarefas ou situações, para que estas sejam o mais ajustado possível aos alunos.

Para Onofre (1995) “A possibilidade de realizar uma intervenção adequada, seja ela, ao nível da intervenção inicial seja ao nível do acompanhamento da atividade prática de aprendizagem, depende do grau de intimidade que o professor tem para com o nível de evolução que os alunos vão manifestando ao longo de cada sessão e do conjunto das sessões” (p.85). Não esquecendo que “a fixação dos grupos, durante períodos de tempo muito alargados não é aconselhável, até pela importância que a variedade de interações assume no desenvolvimento social dos jovens. Poder-se-á eventualmente aproveitar o apoio dos alunos “mais aptos” aos seus companheiros, contudo, dever-se-ão evitar os estereótipos dos “mais fracos” e “mais fortes”, contrariando-se também a estereotipia dos papéis “masculino” e “feminino” “ (PNEF,2001 p.24). Assim criei em diferentes momentos, a possibilidade de desenvolver esta capacidade colaborativa entre os colegas.

Outro ponto tido em conta, devido à sua importância, foi de assegurar que as “necessidades de cada um dos alunos têm de ser contempladas, na medida em que a única forma de atender verdadeiramente à igualdade de oportunidades entre indivíduos é equacionar as diferenças de cada um “ (Mesquita 2003, in Mesquita e Rosado 2004, p.6).

Assim previ as tarefas que iriam decorrer na aula e que constituiram uma dificuldade ou facilidade para os alunos, tendo uma intervenção no sentido de ajustar a atividade, alterando a orgânica do exercício, criando alguma progressão, dificuldade ou explicando novamente de outra forma, para que “a integração dos alunos menos dotados em atividades capazes de potenciar o seu desenvolvimento não deve ser levada a cabo, em prejuízo dos mais capazes, devendo a participação destes ser cuidada, através de

um envolvimento enquanto tutores (sem prejuízo dos seus próprios objetivos pessoais) ou em situações necessariamente mais avançadas, que sem assumirem um carácter permanente e definitivo lhes permitem evoluir de acordo com as suas capacidades” (Mesquita e Rosado, 2004, p. 12).

Ao longo do ano, foi visível a evolução desta competência no sentido de conseguir identificar mais facilmente os desajustamentos nas tarefas de aprendizagem à prestação dos alunos, e alcançado com qualidade a capacidade de reformular estas situações no decurso da aula, *ajustando as mesmas, às necessidades de aprendizagens reveladas pelos alunos.*

Concebe, utiliza e aprecia processos de observação e de análise da sua intervenção pedagógica e da dos seus pares no núcleo, reportando às singularidades dos contextos de intervenção e aos referenciais teóricos para a intervenção pedagógica em Educação Física

Para Carvalho (2006) “a observação consiste num processo com o qual se recolhe informação, de forma organizada, estando dependente, não só do “sentido” visão mas do processamento de informação, relacionando-a com conhecimentos e experiências anteriores. Contudo, as limitações dos nossos órgãos recetores não permitem captar toda a informação que se lhes apresenta, antes efetuam uma seleção de acordo com a sua experiência, os seus objetivos e, naturalmente, com as suas capacidades de seleção” (p.12).

No que concerne aos processos de observação e análise da intervenção pedagógica, estes constituíram uma grande mais-valia na minha formação. Tanto as autoscopias realizadas constantemente, como os balanços de unidade de ensino e de etapa, revelaram-se momentos fundamentais para o desenvolvimento da capacidade refletiva e de análise, potencializando a aquisição de novas estratégias e conhecimentos, bem como a consolidação de outras.

O projeto de observação criado pelo núcleo, durante a primeira etapa de formação, proporcionou o desenvolvimento da atividade de observação e análise das aulas, com vista à implementação de um espírito crítico e ao crescimento pessoal e profissional das características da intervenção pedagógica em Educação Física. Assim, na segunda e terceira etapas de formação, a conceção e utilização de um instrumento, adequado e sistematizado de observação, potenciou uma apreciação mais cuidada e centrada em determinados aspetos, nomeadamente os que precisava adquirir ou melhorar.

No seguimento da aplicação do projeto de observação, o principal objetivo foi permitir uma aplicação correta e lógica de instrumentos de observação, de forma a identificar dificuldades nos professores estagiários e possibilitar dessa forma, a sua posterior eliminação. A presença assídua nas aulas dos colegas e da orientadora foram fundamentais para proporcionar a todos os intervenientes, um conjunto de informações que contribuíram para a melhoria do processo de formação. Estas informações só foram possíveis, devido à existência de elementos que assistiram às aulas com outra perspetiva. Assim, ao existir uma constante partilha de informações e opiniões, fez com que existissem melhorias resultantes destas observações, em diferentes dimensões como a instrução, organização, gestão e clima/disciplina.

De acordo com Hoffman (1976, in Carvalho 2006, p.19) “a observação da execução do aluno exige uma avaliação da qualidade de execução, uma classificação dos movimentos segundo o grau de correção e ainda, a identificação da causa dos erros observados”. Em linha com o autor referido, foi bastante importante a confrontação constante da minha perceção do que foi a aula, com a interpretação das orientadoras ou das colegas de estágio. Nem sempre as observações feitas por todos os intervenientes foram convergentes, contudo, foi importante o debate para conseguir argumentar e justificar a opção de certas estratégias em detrimento de outras, bem como, o reconhecimento de que a opção por outros métodos, teria proporcionado outro tipo de aprendizagem aos alunos.

A observação das aulas dos meus pares, muitas vezes permitiu a identificação de erros comuns, levando a uma mais rápida mudança da intervenção com a minha turma.

A possibilidade de, em cada período, realizar uma filmagem das aulas, também constituiu uma vantagem, pois ajudou-me a perceber, e melhorar especificamente aspetos relacionados com a minha instrução e condução de ensino. Estas observações facultaram-me também a competência de estimular a minha capacidade de reflexão, e de modificar e adaptar um conjunto de estratégias a usar.

Ainda no âmbito do projeto de observação, que decorreu no dia 8 e 9 de março, a visita inter-escolas entre a nossa escola e a *Escola Básica 2/3 de Santo António – Parede*. Estes momentos permitiram um partilhar das especificidades que condicionam a nossa atividade e estimularam o contraponto de opiniões.

Desta discussão, podemos verificar que os colegas ficaram impressionados com a quantidade de matérias e conteúdos lecionados na nossa escola numa só aula, bem como da dinâmica e orgânica das respetivas aulas.

Relativamente à nossa visita, à Escola Básica 2/3 de Santo António – Parede, podemos ter em conta outra realidade, não só, de meios físicos e formas de organização, como também de dinâmica de aulas. A discussão-pós aula foi muito rica, e tivemos a possibilidade de colocar questões sobre as opções ou estratégias adotadas em detrimento de outras; Ainda foi possível construir algumas sugestões de organização das aulas e delinear futuras estratégias de intervenção.

Considero, no entanto, que esta iniciativa podia ser mais rentabilizada se tivéssemos tido mais algum tempo, não só para a discussão das aulas e troca de prestativas, como também a realização de mais momentos deste género ao longo do ano com diferentes núcleos de estágio.

No desenvolvimento das atividades desta área manifesta as capacidades de cumprimento de compromissos planeados, de cooperação com os diferentes intervenientes, num clima de cordialidade e respeito, de inter ajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade.

Penso ter tido a capacidade de me adaptar com relativa facilidade aos diferentes intervenientes, tendo revelado boas capacidades colaborativas, que me permitiram desenvolver uma excelente capacidade de relacionamento com outros professores, colegas de estágio, e orientadora no desenvolvimento de diferentes atividades.

Procurei, retirar partido de cada interveniente (orientadores, professores estagiários e professores do grupo) de acordo com as suas práticas e conhecimentos para enriquecer a minha formação. Por outro lado, pretendi também contribuir com os meus saberes, experiencias e ideias para esses mesmos intervenientes. Tentei sempre ter uma atitude o mais ativa possível, demonstrando iniciativa tanto para a aquisição de conhecimento teórico, como para a sua aplicação na prática, aproveitando sempre cada experiencia, sabendo que constituiriam excelentes oportunidades de formação. Considero que o trabalho colaborativo é fundamental, e felizmente na minha perspetiva, este grupo de educação física e o núcleo de estágio, fez com que fossem criadas condições excepcionais para o partilhar de conhecimentos, ideologias e dúvidas, tendo sentido sempre bastante abertura e disponibilidade para debater diversos temas e situações específicas com colegas de estágio, orientadores e professores do grupo.

Semana Professor a Tempo Inteiro

A realização deste projeto “Semana de Professor a Tempo Inteiro (PTI)” procurou dar-me a possibilidade de passar pela “experiência de num horário completo, durante uma semana, incluindo as horas de aulas do professor estagiário, as horas destinadas à direção de turma, as destinadas à atividade de desporto escolar e as horas de reunião do núcleo, completadas por horas de aulas de turmas de outros professores do departamento.” (Guia de Estagio 2011).

Este projeto de professor a tempo inteiro, decorreu de 7 a 11 de Maio e tive a possibilidade de experienciar e ficar com a noção do que é possuir um horário de 22 horas, com todos os aspetos positivos e adversidades que advêm dessa carga horária. Outra experiência que este projeto me facultou, foi a possibilidade de poder lecionar aulas a diferentes ciclos de escolaridade, podendo também lecionar aulas de diferentes colegas, permitindo-me vivenciar a experiência de conhecer diferentes contextos e diversas formas de trabalhar.

Desta forma, tentei rentabilizar esta experiência, encarando-a como uma excelente oportunidade de formação. Esta atividade proporcionou um contributo na minha formação individual, proporcionando-me um conjunto de experiências bastante ricas e diversificadas, que poderão vir a ser bastante úteis no futuro, na minha vida profissional, tal como ter possibilidade de contactar com diferentes formas de planeamento (como unidades de ensino, unidades didáticas ou planos de aula) e condução do processo ensino-aprendizagem, e verificar outras formas de gerir e interagir com os alunos.

Nesta experiência existiram diferentes situações que se tornaram uma mais-valia, tais como: Trabalhar com diferentes turmas, cada uma com a sua dinâmica e características; ter a possibilidade de trabalhar com diferentes alunos e de diferentes anos de escolaridade; contactar com outras formas de planear, organizar e conduzir a aula; discutir ideias, perspetivas e estratégias com outros colegas no sentido de rentabilizar as situações de aprendizagem criadas; ter que adaptar a minha instrução e feedbacks, de acordo com as características de cada turma; ter que me adaptar e reajustar situações no decorrer das aulas; e verificar na prática, a importância de ter construído uma boa relação aluno professor e das rotinas de trabalho, pois nestas aulas não tive a possibilidade do feedback ser tão específico, tendo que recorrer a feedbacks mais gerais. O clima da aula não foi tão fácil de criar como na minha turma, uma vez que desconhecia as dinâmicas e características das turmas e alunos, neste sentido tentei colmatar esta situação com a criação de tarefas motivadoras, e recorrer a aquecimentos lúdicos.

Área 2 - Investigação e inovação pedagógica

Segundo Monteiro (1988, in Guerra 2002, p.52), a investigação-ação é “um processo no qual os investigadores e os atores conjuntamente, investigam sistematicamente um dado e põem questões com vista a solucionar um problema imediato vivido pelos atores e a enriquecer o saber cognitivo, o saber-fazer e o saber-ser, num quadro ético mutuamente aceite” Sendo o uso da internet um problema atual, e bastante abrangente de toda a sociedade e muito especificamente da faixa etária que contempla os alunos da nossa escola, o estudo que levámos a cabo tornou-se bastante pertinente.

A investigação pressupõe como resultado final, provocar alterações comportamentais e de hábitos. Assim, segundo Bogdan & Biklen, 1994, a investigação “consiste na recolha de informações sistemáticas com objetivo de promover mudanças sociais”. Neste tipo de investigação “os seus praticantes reúnem dados ou provas para denunciar situações de injustiça ou perigos ambientais, com objetivo de apresentar recomendações tendentes à mudança”. Partindo da pergunta de partida “Qual a perceção dos alunos e pais, no que diz respeito à utilização da internet e os seus perigos por parte dos jovens?”, e com o intuito de sensibilizar e alterar comportamentos incorretos, procedemos ao levantamento de dados referentes a vários alunos da escola, e respetivos encarregados de educação.

Identifica um problema do grupo/departamento/escola e argumenta a sua pertinência contextual (reportada à dinâmica da escola em que se integra)

Relativamente à definição de um problema, este foi definido com bastante facilidade e objetividade, em conversa/debate com a diretora da turma que acompanhei. A problemática do uso da internet por partes dos jovens, surgiu como um dos temas a abordar nas aulas de Formação Cívica, nomeadamente, quais as potencialidades e perigos, bem como esses mesmos perigos podiam ser evitados, minimizados ou controlados.

Na troca de opiniões e sugestões, com a diretora de turma que acompanhei, e que é também tutora dos alunos, esta sugeriu que fossemos mais longe, e propôs que realizássemos um estudo mais aprofundado sobre esta mesma utilização, integrando-o no estudo da área de Investigação e inovação pedagógica.

Ficou ainda definido que, para além do estudo de investigação, este trabalho poderia ser valorizado com uma ação de formação com técnicos especializados, que

iriam ajudar alunos e pais a rentabilizar as potencialidades do uso desta ferramenta, procurando ainda, controlar de uma forma mais eficaz, os perigos que poderão advir dessa mesma utilização.

A professora, apresentou esta sugestão, uma vez que esta é uma temática bastante atual e pertinente, bem como, devido ao facto de recentemente, nesta escola, terem existido situações adversas devido a uma utilização menos correta da internet. Estas ocorrências que se tinham verificado, estavam associadas a um dos perigos que detetamos na literatura consultada, o *Cyber-bullying*.

Segundo Matos (1997), o comportamento social define-se, em sentido lato, num conjunto de ações, atitudes e pensamentos que o indivíduo apresenta em relação à comunidade, aos indivíduos com que interage e a ele próprio. A qualidade desta interação resulta, segundo a autora, da conjugação de dados inatos e de processos de socialização.

Concebe um processo integrado de caracterização do problema com recurso a um quadro teórico de referências válido, identificando e justificando as decisões de ordem metodológica, nomeadamente os processos de recolha e tratamento de informação

Segundo Quivy & Campenhout (1998), a pergunta de partida servirá de fio condutor da investigação. Desta forma, para desempenhar de uma forma adequada a sua função, deverá apresentar qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência.

A nossa pergunta de partida e que guiou a investigação foi: Qual a perceção de alunos e pais, no que diz respeito à utilização da Internet e os seus perigos por parte dos jovens?

A internet é um meio de comunicação em constante expansão e transformação, cujo futuro é difícil de prever. É fundamental apostar na educação para uma utilização consciente, autónoma e crítica desta tecnologia, pois só assim conseguiremos aproveitar todos os recursos que esta nos disponibiliza, de uma forma mais benéfica (Baltazar, 2004).

Relativamente à utilização da internet, Ponte e Vieira (2007 in Marques & Lagarto, 2011) destacam a relação direta existente entre risco e oportunidade, pois ao aumentarem as oportunidades, aumentam os riscos e, portanto, limitar o uso da Internet, diminui não só os riscos, mas também as oportunidades. O desafio passa por equilibrar esta dicotomia risco-oportunidade, já que a tecnologia em si própria é neutra, e a atribuição de um peso negativo ou positivo depende apenas da utilização que se faça dela (Marques & Lagarto, 2011).

Na realização do projeto recorreremos às aulas de Investigação Educacional na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) de forma a efetuarmos o trabalho de uma forma correta e com supervisão de professores especialistas na matéria. O facto de termos associado o trabalho da FMH a este, só apresentou vantagens, uma vez que para além de evitarmos ter mais trabalho desnecessário, ainda conseguimos utilizar o tempo de aula para trabalhar e concluir o projeto, onde estava a revisão bibliográfica sobre o tema, justificação das orientações metodológicas como a: identificação do problema; pergunta de partida; a exploração; e a problemática. Realizamos também a construção de um modelo de análise com os objetivos e perguntas guia, bem como a observação, onde estava inserida a definição da amostra, os instrumentos, e os procedimentos metodológicos como a recolha e tratamento de dados.

Devido à atualidade do tema, a internet, a seleção da informação disponível apesar de ter sido bastante extensa e morosa, devido à quantidade de artigos encontrados, foi bastante rica e suportou com dados científicos e técnicos a nossa investigação, revelando-se uma mais-valia para o sucesso da mesma.

Relativamente à recolha de informação, considerámos que o mais ajustado, seria realizá-la através de observação indireta, uma vez que recolhemos informação dos alunos e dos pais através de questionários. Esta forma de recolha de informação Segundo Quivy & Campenhoudt (1998), é um método adequado para o conhecimento de uma população, nomeadamente os modos de vida, os comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões; para a análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão; e ainda para os casos em que é necessário interrogar um grande número de pessoas e onde se levanta um problema de representatividade.

A escolha deste instrumento está relacionada com a facilidade de acesso à informação pretendida, uma vez que estando os alunos todos presentes nas aulas de Formação Cívica, conseguimos aplicar o instrumento a um grande número de alunos (20-30 alunos), num pequeno espaço de tempo. Outro factor foi a rapidez no tratamento dos dados obtidos, visto que optámos por perguntas fechadas ou dicotómicas, e assim o tempo dispendido no tratamento da informação foi mais reduzido.

Relativamente à recolha de dados, a aplicação de inquéritos aos alunos foi feita nas aulas de Formação Cívica, para garantir que existisse uma correta explicação dos objetivos e formas de preenchimento, e também para garantir que os alunos não consultavam outras fontes de recolha de informação. Já no que diz respeito aos pais/encarregados de educação, estes questionários foram enviados para casa através

dos educandos. No nosso estudo selecionamos só os alunos de 3º ciclo, devido ao facto dos alunos desta idade já terem uma noção mais concreta das questões relacionadas com o uso da Internet, nomeadamente as potencialidades, os perigos e as formas de controlar esses mesmos perigos.

Para salvaguardar a comparação dos resultados dos alunos com os dos respetivos pais, criámos um sistema de codificação em cada questionário, para garantir que os dados comparados dos alunos, correspondiam ao do seu encarregado de educação.

No que concerne ao tratamento de dados, realizámos uma análise dos resultados dos alunos e uma análise dos pais. Em relação à comparação da informação aluno/pais, esta só foi feita após ambos terem respondido ao questionário. Para ambas as observações, e para a comparação dos dados Alunos/Pais, realizámos sempre, uma confrontação desta informação com a revisão bibliográfica realizada.

Aplica os procedimentos de objetivação do problema garantindo as suas qualidades gerais de validade e fiabilidade

De forma a garantirmos essas qualidades, no estudo que realizámos, optámos por recorrer a uma aplicação informática “Raosoft” para obter a amostra do mesmo, o que nos garantiu logo à partida um intervalo de confiança de 95% e uma margem de erro de 5%. Esta aplicação foi-nos sugerida pelo professor da disciplina de Investigação Educacional. Para analisar a informação e garantir, mais uma vez, a validade e fiabilidades dos resultados, criámos um sistema de codificação, de forma a garantir uma análise exata do aluno com os seus pais. Outro aspeto que considero ter sido fundamental, foi a utilização do software SPSS para análise estatística, o que nos permitiu realizar comparações e verificar correlações fortes e muito fortes (95% e 99%).

Para o aperfeiçoamento deste trabalho, foi-me possível desenvolver novas competências e consolidar outras, principalmente saber quais os passos a ter em conta num trabalho de investigação, como desenvolver algumas valências no tratamento estatístico e, no processo global, consolidar aptidões para um trabalho com estas características. Estas valências poderão constituir uma mais-valia na minha vida profissional, pois a investigação é uma área complementar na formação de professores, que fornece um conjunto de benefícios para que o professor possa ter um desenvolvimento profissional mais profundo e adaptado à realidade.

Propõe um conjunto integrado de soluções válidas para a superação do problema identificado.

O Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas E.B 2, 3 Piscinas Olivais (2008 – 2012) apresentava também uma abordagem à educação para a cidadania: *“A cidadania é responsabilidade perante nós e perante os outros, a consciência de deveres e de direitos, impulso para a solidariedade e para a participação, é sentido de comunidade e de partilha, é insatisfação perante o que é injusto ou está mal, é vontade de aperfeiçoar, de servir, de realizar, é espírito de inovação, de audácia, de risco, é pensamento que age e ação que se pensa.”*

Com a realização do trabalho final, este objetivo foi completamente atingido, uma vez que no mesmo identificámos um conjunto de soluções que pensamos ser não só válidas, mas também exequíveis. Consideramos que a análise da revisão bibliográfica realizada, foi fundamental para atingirmos este objetivo, uma vez que nos permitiu ter ao nosso dispor um grande conjunto de opções, o que fez com que apenas tivéssemos de selecionar aquelas que mais se adequavam à situação que identificámos na escola.

As soluções apresentadas foram divididas em aplicações práticas de curto prazo e de médio prazo, tendo as primeiras sido realizadas durante a conferência, e as segundas através de informações complementares de sensibilização para boas práticas no futuro. Como aplicações práticas a curto-prazo destaco: apresentação por parte de jovens alunos da escola, de um conjunto de histórias verdadeiras sobre as consequências de uma utilização incorreta da internet; confrontação entre potencialidades e perigos do uso da internet, através da intervenção de um professor universitário com experiência na área; apresentação dos resultados desta realidade escolar, como forma de alertar; exposição de um conjunto de formas de controlar dos perigos, por parte de um inspetor da Polícia Judiciária desta área específica; distribuição de folhetos resumo para alunos e pais, sobre os perigos e boas práticas de navegação. Como aplicação a médio-longo prazo, saliento a: sensibilização geral sobre os perigos da utilização menos correta da internet; realizar um trabalho contínuo no sentido de uma utilização consciente, no decorrer das aulas de Formação Cívica; campanhas de sensibilização promovendo debates, visualização de filmes e documentários sobre o tema; difusão de informações mais relevantes e pertinentes através de meios de comunicação local, como blog da escola ou jornais locais; ação de formação, com os encarregados de educação, para aprenderem de uma forma prática, como podem controlar e minimizar os riscos associados à utilização da Internet.

Organiza e avalia uma sessão de apresentação do estudo à comunidade escolar, mobilizando a participação ativa dos participantes na sua discussão

Penso que neste aspeto fomos bastante ambiciosos e obtivemos o devido dividendo. Conseguimos organizar e dinamizar uma ação com uma grande dimensão, na medida em que além da apresentação do nosso estudo, trouxemos à escola, especialistas que completaram de uma forma bastante rica a nossa ação, proporcionando assim a toda a comunidade, uma iniciativa bastante pertinente, oferecendo um conjunto de mais valias aos participantes.

Em relação ao conteúdo do nosso estudo, destacar a ideia que Internet é um elemento chave na educação, permitindo a igualdade nas classes sociais no acesso à informação. De referir ainda, que apenas uma pequena parte dos conteúdos da internet é nocivo, e que é importante educar e alertar os alunos e os pais para os perigos que existem, de forma a trabalhar na sua prevenção e não apenas na sua remediação

Relativamente à apresentação do estudo, procurámos esclarecer todos os participantes da conferência, no que diz respeito: ao enquadramento do problema, onde explicámos a relevância do tema, para a escola em questão; à justificação das opções metodológicas, onde optámos por referir os aspetos principais, como o tamanho da amostra, os instrumentos utilizados e como foi analisada os dados; à apresentação e discussão dos resultados, enquadrando-os teórica e empiricamente, de modo a que todos os participantes compreendessem melhor a informação que estava a ser transmitida; e às propostas de resolução do problema.

No que diz respeito à mobilização e dinamização da participação dos intervenientes, consideramos ser importante referir que a conferência por nós organizada, contou com a participação de dois preletores convidados, um professor da FMH e um inspetor da Policia Judiciária, além de alunos da minha turma. Pensamos que estas participações vieram valorizar e complementar todo o trabalho por nós realizado, uma vez que os convidados reforçaram as vantagens do uso da Internet, formas de combater os perigos derivado de uma utilização menos correta desta ferramenta, apresentando também casos verídicos destas situações.

Tal como na realização do trabalho, investimos também bastante na divulgação, enviando convites para todos os encarregados de educação da escola e alunos do 3º ciclo; fizemos a divulgação através de cartazes pela escola e faculdade; difusão pelo blog da escola; criámos um grupo na rede social “facebook” e enviámos, por email, convites para todos os professores estagiários, orientadores e coordenadores da FMH. Como resultado dessa divulgação, conseguimos ter uma participação que superou as nossas

espectativas. Podemos constatar, através da análise do registo de entradas, que estiveram presentes 150 pessoas entre eles, alunos (86), professores (31), encarregados de educação (21) e outros (12).

Para realizar o balanço da organização da sessão de apresentação, realizámos um relatório no qual refletimos sobre os vários momentos da conferência, desde a apresentação do nosso trabalho, à participação dos dois convidados e dos alunos da turma do 8ºC. Para a realização deste relatório foi também fundamental saber qual a opinião das pessoas que assistiram à conferência, e sabendo isso, preparámos um questionário de satisfação de forma a podermos retirar informação sobre a qualidade da informação, do espaço, da gestão do tempo/programa e pertinência dos convidados. Deste modo, podemos constatar que a sessão teve bastante sucesso, e isso foi notório pelo feedback muito positivo que tivemos por parte de professores da escola, orientadores, alunos e encarregados de educação. De destacar, no que diz respeito à pertinência da ação, os participantes foram unânimes ao considerar, na sua grande maioria (77%), de bastante boa; relativamente à qualidade da apresentação 73% classificaram de bastante boa, e por fim saliento ainda que, em relação à qualidade, em termos gerais 69% afirmaram ter sido bastante boa e 31% boa.

Além destes resultados, durante toda a atividade consegui aperceber-me do impacto que esta iniciativa estava a ter em toda a comunidade escolar, e foi com um enorme prazer e orgulho que além de participar com uma apresentação, organizei e dinamizei esta ação, mobilizando uma participação bastante ativa por parte de quem assistiu a esta iniciativa.

Realiza a sessão de apresentação do estudo garantindo a compreensão da sua oportunidade e dos procedimentos encetados e propostas realizadas

No que diz respeito à sessão de apresentação do estudo, esta foi inserida numa conferência por nós organizada – “Internet (In) Segura”. Como já foi referido anteriormente, pensámos ser uma mais-valia não só apresentar os resultados do estudo por nós realizado, mas também informar toda a comunidade sobre esta tecnologia, o que levou à participação de vários preletores especialistas como um professor universitário e um inspetor da polícia judiciária, que completaram de uma forma bastante rica, a nossa ação, e ainda a apresentação de um trabalho desenvolvido com a minha direção de turma, onde foram apresentados casos verídicos de má utilização da Internet.

Desta forma, procurámos que todos os participantes na ação tirassem o máximo partido da mesma, conseguindo adquirir um conjunto de conhecimentos que constituam

uma mais-valia, podendo usufruir das vantagens da Internet, reduzindo ao máximo os riscos associados a uma utilização menos correta.

Para garantir a melhor compressão da informação transmitida aos diferentes participantes, além da apresentação em Power Point, procedemos à entrega de folhetos, com toda a informação, exposta de forma sintetizada e de fácil compreensão.

No desenvolvimento das atividades desta área manifesta a capacidade de cooperação com os diferentes intervenientes, num clima de cordialidade e respeito, de inter ajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade

Em relação a este item, revelei uma boa capacidade de comunicação e relacionamento com todos os intervenientes, quer tenham sido colegas de estágio, professores, orientadores, alunos ou entidades públicas. Procurei sempre ter um papel ativo, exprimindo a minha opinião, com intenção construtiva. Estes aspetos foram determinantes para o desenvolvimento desta área, principalmente pela capacidade de cooperação desenvolvida com as minhas colegas de núcleo, bem como com os professores da escola e os professores da faculdade. Foi essencial a capacidade de trabalhar em grupo, e de ouvir outras opiniões. Com a execução deste ação, foi possível desenvolver a capacidade de realizar bastantes atividades em simultâneo, e para isso, tivemos (núcleo de estágio) que desenvolver um trabalho com grande inter-ajuda, responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade, não só entre nós, mas também com toda a comunidade educativa e com todos os intervenientes com quem contactámos e colaborámos ao longo deste processo.

Como consequência desta ação, também senti que desenvolvi junto da minha turma, uma evolução na relação professor-alunos. O trabalho que desenvolvemos juntos teve repercussões bastante positivas na condução de ensino, nomeadamente no reforçar do meu papel enquanto professor, e que os poderia ajudar na aquisição e evolução de diferentes conhecimentos em áreas distintas. A partir do momento desta atividade, denotei que os alunos estavam mais concentrados na informação que lhes transmitia, e que relacionalmente ficámos mais perto. Através desta perceção, pode constatar mais uma vez a importância da realização de diferentes atividade, onde possamos integrar os nossos alunos, mesmo em áreas não tão específicas como naquela que lecionamos, e também de como as diferentes áreas do estágio estão relacionadas e têm influência sobre as outras.

Área 3 - Participação na escola

As tarefas do professor não se resumem simplesmente às tarefas inerentes às suas turmas. Existe um conjunto de deveres, que o professor tem de cumprir, no que diz respeito à sua participação ativa na escola. Estas atividades podem ter um carácter sistemático (como o desporto escolar ou o programa pessoa), como também participações e atividades isoladas (lecionação de cursos de árbitros, organização de torneios, realizações de conferências, entre outras).

Tal como a Ministra da Educação afirmou (2007), “A importância do Desporto Escolar na vida escolar das nossas crianças e jovens deve ser valorizada.” Com o objetivo de que “o empenho individual e coletivo de alunos e professores no bom desempenho desportivo permite a construção de vínculos entre as crianças e os jovens com a escola como instituição, isto é, como espaço que lhes confere a oportunidade de se realizarem e de desenvolverem as suas capacidades físicas relacionais, mas também, é importante recordar, cognitivas. Isto porque o Desporto Escolar deve ser visto menos como uma alternativa à aprendizagem nas disciplinas nucleares, e mais como uma plataforma, a partir da qual deve ser trabalhada a transversalidade dos hábitos que fazem o bom desempenho desportivo.” (Página do Ministério da Educação e Ciência)

Participa ativamente na coadjuvação do planeamento, condução e avaliação da atividade de um núcleo de Desporto Escolar ou de uma atividade física alternativa de carácter sistemático (ocorrência semanal ao longo do ano). No desenvolvimento das atividades desta área manifesta a capacidade de cooperação com os seus pares, num clima de cordialidade e respeito, de inter ajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade.

Relativamente ao Desporto Escolar, foi uma atividade que desde o primeiro momento, me suscitou bastante motivação e um gosto pessoal, uma vez que é uma área em que já tenho alguma formação e experiência. No primeiro período existiram um conjunto de tarefas inerentes ao arranque do núcleo. Assim, foi importante definir um horário, o qual foi feita em conjunto por mim e com o professor responsável pelo núcleo, de acordo com os nossos horários, a disponibilidade do espaço polidesportivo e também a tentativa de poder abranger um maior número de alunos possível.

A tarefa seguinte foi a divulgação do núcleo, feita através da afixação de vários cartazes em diferentes locais da escola. Após essa divulgação, tivemos que recolher e tratar as inscrições (categorizar); para por fim, selecionar o escalão do núcleo. Estas

atividades revelaram-se fundamentais, visto termos tido um grande número de inscrições e conseqüentemente o núcleo poder assumir uma maior dinâmica. A escolha do escalão, foi feita através da diferença considerável no que diz respeito às inscrições para os diferentes escalões, optámos por abrir o escalão de Infantis, com um número de 38 inscritos. O passo seguinte foi definir o modelo de jogo, que, de acordo com Castelo (1994), é definido como “o ensaio, uma aproximação, uma maquete mais ou menos abstrata que representa os aspetos fundamentais, apresentados de uma forma simplificada de uma ou varias situações, permitindo assim, uma melhor interpretação das variáveis que esta em si encerra”.

O planeamento dos treinos foi feito em conjunto com o professor responsável, tendo por vezes assumido essa tarefa autonomamente. Penso que não encontrei qualquer dificuldade em assumir essa tarefa, conseguindo que os treinos fossem motivadores e adequados às potencialidades demonstradas pelos jogadores, bem como foram ao encontro do modelo de jogo que definimos. A estrutura do treino passava essencialmente por aquecimentos, onde aproveitávamos para o desenvolvimento técnico dos jogadores. Na fase principal abordámos diversos conteúdos, como os princípios de jogo, ocupação racional do espaço de jogo, diferentes fases do jogo, organização defensiva e ofensiva, bem como diferentes sistemas e esquemas táticos. Nesta parte principal do treino, os exercícios eram abordados separadamente e depois aplicávamos no jogo, ou condicionávamos o jogo, de forma a poder trabalhar o que pretendíamos. A parte final, para além de realizarmos o balanço da sessão, estavam sempre presentes os alongamentos. O termos uma estrutura de treino bem definida, fez com que facilitasse o planeamento, pois assim tanto eu como o professor responsável tínhamos uma linha orientadora para delinear o trabalho a desenvolver. Estando os dois em sintonia, a tarefa do planeamento tornou-se mais simples e eficaz, e fez também com que sentisse que o meu trabalho estava a ser útil, pertinente e que as minhas perspetivas coincidiam com as do professor responsável pelo núcleo, criando em mim uma grande satisfação no incrementar destas atividades.

Relativamente à condução do treino, procurei ter sempre um desempenho o mais ativo possível, tendo conquistado rapidamente um papel e funções importantes neste núcleo. Tentámos sempre que o meu trabalho e acompanhamento das atividades, fosse complementar ao do professor responsável pelo núcleo, no sentido de cada um ficar com uma estação, ou um ficar responsável pelos processos defensivos e outro pelos ofensivos, ou ainda, cada um ficar responsável por uma equipa. Também neste capítulo, considero que a minha prestação foi muito positiva, aprendendo bastante e contribuindo

também, com a minha experiência e conhecimentos, para a evolução dos jogadores e formação do professor responsável do núcleo. No desenrolar desta atividade, mais uma vez a relação que criei com o professor foi de extrema importância, pois sabíamos quais as tarefas que eram necessárias realizar e portanto, o concretizar das mesmas surgiam de uma forma espontânea. Nesta tarefa, ficou evidenciada a dinâmica que este núcleo de desporto escolar criou, onde os treinos decorreram com grande dinâmica e satisfação, tanto de alunos, como da nossa parte enquanto professores/treinadores.

No que se refere à avaliação, penso que os alunos tiveram uma evolução considerável quer a nível técnico-tático, como na sua aptidão física. Ao nível dos resultados desportivos, os objetivos ficaram aquém do esperado, nos três encontros realizados. Os resultados menos positivos, em parte foram devidos à diferença de idades dos nossos atletas comparativamente com os adversários embora sendo do mesmo escalão, bem como o facto de muitos deles, só treinarem uma vez por semana e não treinarem todos juntos.

De destacar ainda, o trabalho que desenvolvi a nível administrativo como receber e categorizar as inscrições, inscrição dos jogadores na plataforma do Desporto Escolar, registo de presenças e o envio ao coordenador do Desporto Escolar, relatórios de assiduidades para diretores de turma, e realização de quadros competitivos para torneios internos do núcleo de futsal. Estas tarefas não só foram fulcrais para mim, para compreender e desenvolver um conjunto de conhecimentos sobre as funções a realizar num núcleo de desporto escolar, bem como senti que o trabalho que efetuei constituiu uma mais valia para o núcleo.

No que diz respeito ao Programa “Piscinas na 1ª Pessoa”, que vem ao encontro das orientações seguidas pelo programa de Promoção do Exercício e Saúde no Sedentarismo Obesidade e Anorexia (PESSOA) e que consiste num programa de apoio à comunidade escolar, com o objetivo da prevenção e redução do peso nesses alunos, através da implementação de estilos de vida ativos e saudáveis e a consciencialização de autonomia de opções corretas ao longo da vida, no que diz respeito à alimentação e à atividade física.

Tal como o desporto escolar, esta atividade tinha um carácter sistemático e ocorreu semanalmente ao longo do ano letivo. No primeiro período foi feita a recolha do índice de massa corporal (IMC) de todos os alunos da escola, através dos dados registados no período de avaliação inicial, junto dos professores de Educação Física. Após a referida recolha de dados, e consoante a disponibilidade horária, foram selecionados 48 alunos

em situação de risco, procedendo-se à organização da sessão de apresentação aos pais e a entrega dos respetivos convites.

Dos 48 alunos contactados, apenas aproximadamente 12 e respetivas famílias demonstraram interesse em participar, reunindo-se na sessão de apresentação do projeto. Estes formaram o grupo que participou no programa durante todo o ano letivo, aos quais, posteriormente, se foram juntando mais alunos que, embora não apresentando excesso de peso e obesidade, evidenciaram interesse em aprender informações importantes para a sua saúde, pelo que o programa culminou com um total de 18 alunos. A inclusão destes alunos teve um papel importante para mostrar ao grupo e à restante comunidade escolar, que este programa não deve ser encarado como um programa destinado à “minoría” mas sim enriquecedor em todos os sentidos, sendo o mais abrangente possível.

O funcionamento do Programa “*Piscinas na 1ª Pessoa*” foi caracterizado pela realização de uma sessão semanal, às quartas-feiras, com a duração de 90 minutos, sendo 45 minutos teóricos e 45 minutos práticos, ou por vezes, 90 minutos práticos, consoante a disponibilidade dos espaços. As respetivas sessões basearam-se no manual existente desde a implementação do projeto, ainda que tenha sido diversas vezes contextualizado ao grupo existente e às necessidades apresentadas (focando, obviamente, a consciencialização e a educação de opções corretas a longo prazo).

No geral, pode afirmar-se que o trabalho desenvolvido correspondeu às expectativas iniciais, que se centravam na implementação de estilos de vida saudáveis nesta população específica e no alerta para a importância da adoção de outras condutas diferentes daquelas a que já estavam acomodados. Foi notória a evolução dos alunos nestes aspetos, bem como em outros igualmente importantes, como por exemplo: o aumento da autoestima e da confiança em si mesmos, a diminuição de traços de personalidade como a vergonha ou a timidez e o desenvolvimento do espírito de grupo e trabalho colaborativo. Saliento que estas características foram discutidas e recolhidas no seio do núcleo, sem o auxílio de instrumentos específicos. De realçar também a grande afluência, cujo aumento de participantes no programa foi aumentando ao longo do ano letivo, mostrando todos eles bastante agrado nas atividades propostas.

Foi com grande agrado que participei no desenvolvimento desta atividade, e constatei o crescer deste grupo, e a satisfação dos participantes das diversas sessões. Apesar de considerar que estas atividades tiveram sucesso, penso que seria benéfico se houvesse a possibilidade de termos mais sessões com estes alunos ao longo da semana, para que os resultados pudessem ter repercussões ainda maiores. Outra situação que

considero fundamental, seria a criação de um horário da parte da manhã para poder abranger os restantes alunos da escola, que queriam participar neste programa, uma vez que, devido à indisponibilidade de horário, o programa só pode incluir os alunos que tinham a componente letiva no período da manhã, podendo frequentar esta atividade à tarde. Dessa forma, conseguíamos que o programa fosse mais abrangente, e pudesse beneficiar todos os alunos da escola que estivessem interessados.

Concebe e implementa uma ação de educação para a saúde, adaptadas às necessidades específicas da escola neste âmbito.

De acordo a definição da OMS (1993) “*A saúde é um conceito positivo, um recurso quotidiano que implica um estado completo de bem-estar físico, social e mental e não apenas a ausência de doença e/ou enfermidade.*”

A postura pode ser definida como a posição ou a atitude do corpo em disposição estática ou o arranjo harmônico das partes corporais a situações dinâmicas. Uma boa postura é resultado da capacidade que os ligamentos, cápsulas e tônus muscular têm, de suportar o corpo ereto, permitindo sua permanência na mesma posição por períodos prolongados, sem desconforto e com baixo consumo energético (Santos, 2009).

A nossa ação de educação para a saúde foi realizada dia 15 de Maio e consistiu na realização de um rastreio postural e desequilíbrios musculares. Esta atividade continha uma bateria de exercícios que permitia realizar a avaliação aos diferentes grupos musculares. Todas as informações retiradas deste rastreio, foram dadas aos participantes através de uma ficha individual. Em paralelo foi desenvolvida uma ação de sensibilização e divulgação de boas práticas posturais em situações do dia-a-dia. Esta ação consistiu na realização de um conjunto de tarefas práticas (por exemplo: carregar o saco das compras, escrever ao computador, transportar a mochila da escola), onde os professores estagiários corrigiam essas mesmas ações, ajudando os alunos a realizá-las de uma forma mais eficaz. Como atividade complementar foi também realizada uma aula de Pilates, uma vez que esta estimula a circulação, melhora o condicionamento físico geral, a flexibilidade, a amplitude muscular e o alinhamento postural adequado. Estas atividades realizadas, são bastante pertinentes, uma vez que hábitos posturais inadequados são transmitidos de geração a geração. Inicialmente, as crianças copiam as atitudes adotadas pelos adultos, sejam elas corretas ou não, e posteriormente, incorporam-nas ou modificam-nas. Atualmente, observa-se um aumento significativo na incidência de problemas posturais em crianças de todo o mundo, sendo as causas mais

comuns a má postura durante as aulas, o uso incorreto de mochila escolar, a utilização de calçado inadequado, o sedentarismo e a obesidade (Santos, 2009).

Neste sentido também Guélaud (1975 *in* Zeni, Salles & Benedetti, s.d.), refere que as posturas desfavoráveis provocam um aumento de fadiga e leva ao longo do tempo a lesões graves. Desta forma, consideramos que a ação de educação para a saúde constituiu, uma mais valia para toda a comunidade educativa, uma vez que o tema que propusemos é muito atual e fundamental para a saúde de todos. Através da nossa atividade as pessoas puderam ter uma nova perspetiva e um conjunto de cuidados a ter, para uma correta postura no seu dia-a-dia.

Todas as atividades propostas tiveram os seus objetivos iniciais atingidos, desde o rastreio postural, onde todos os participantes demonstraram não só interesse em participar, mas também em perceber quais os problemas que lhes eram identificados e procuraram saber o que fazer para os reduzir.

Na ação de sensibilização e divulgação de boas práticas posturais em situações do quotidiano, através das várias situações criadas por nós, foi possível verificar que em diversas tarefas, as opções escolhidas pelos participantes não eram as melhores, o que nos permitiu aconselhar os mesmos sobre a forma correta de efetuar essas tarefas, sem prejudicar a saúde.

Por fim, a aula de Pilates veio fornecer um conjunto de exercícios relacionados com a postura, o que permitiu aos participantes conhecer a modalidade e também poder aprender alguns exercícios que podem realizar em casa.

Um fator que revela o sucesso da atividade foi o feedback que recebemos dos participantes, tanto dos alunos como também dos professores e funcionários. Todos mostraram satisfação em participar nas diferentes atividades, tendo no dia seguinte, solicitado folhetos informativos, ou pedido esclarecimentos de algumas situações que tinham sido abordadas.

Identifica as principais características da organização da escola e da EF presentes no Regulamento Interno, no Projeto Educativo de Escola, no Plano Anual de Atividades e no Regimento Interno do Departamento de EF

Com as leituras inicialmente feitas, as consultas ao longo do ano letivo do regulamento interno, do projeto educativo, do regulamento do departamento, dos dossiers de grupos, realização da caracterização da escola, bem como de um trabalho elaborado ao longo do primeiro período em formação cívica sobre a constituição da escola, permitiu-me identificar a estrutura e a organização da escola. Estas ações que

desenvolvi, possibilitaram-me ainda compreender algumas questões relativas à dinâmica, organização e modos de funcionamento da escola, o que fez com que a minha adaptação à mesma, fosse ainda mais eficaz.

Estes conhecimentos que obtive através destas leituras, consultas e realização dos documentos, como a caracterização da escola ou o plano geral de atividades, evidenciaram-se cruciais para a elaboração de um conjunto de trabalhos, tarefas e decisões que tive que desenvolver, quer a nível individual quer inserido no núcleo de estágio ou grupo de educação física. Foi possível desta forma, verificar as atividades existentes na escola e assim poder definir algumas das atividades em função dos projetos da escola, como foi o caso do desenvolvimento da nossa área de relação com a Comunidade, com a atividade do dia do agrupamento.

A leitura do Projeto Curricular de Agrupamento (PCA), também se revelou fundamental no desenvolvimento de outras ações, como a nossa conferência no âmbito da área de investigação e inovação pedagógica, onde fomos ao encontro do PCA, que apresentava uma abordagem à educação para a cidadania: *“A cidadania é responsabilidade perante nós e perante os outros, a consciência de deveres e de direitos, impulso para a solidariedade e para a participação, é sentido de comunidade e de partilha, é insatisfação perante o que é injusto ou está mal, é vontade de aperfeiçoar, de servir, de realizar, é espírito de inovação, de audácia, de risco, é pensamento que age e ação que se pensa.”*

Além dos fatores já referidos, também foi determinante o conhecimento e compreensão de determinadas funções e atividades desenvolvidas na escola, por parte dos seus intervenientes. Sendo um fator bastante importante, no auxílio de varias ações, pois consegui ter a perceção a quem me dirigir, de acordo com diferentes necessidades, como alugar um autocarro para os encontros do desporto escolar, pedir autorização para fixar cartazes de atividades, ou distribuição de informações aos diretores de turma.

No desenvolvimento das atividades desta área manifesta a capacidade de cooperação com os seus pares, num clima de cordialidade e respeito, de inter ajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade.

No âmbito do Desporto Escolar assumi a responsabilidade de planeamento, condução e avaliação do núcleo de desporto escolar, aquando da ausência do professor responsável, em dois momentos (licença de paternidade e baixa). Durante estes períodos, senti-me bastante confortável e motivado para realização das tarefas, adaptando-me às respetivas funções. Por outro lado, notei que os alunos estiverem

bastante empenhados nas tarefas, e não denotaram diferença de quem estava a liderar o processo. Sentindo o prazer dos alunos nas atividades, e com as constantes trocas de informações com o professor, em que este mostrou bastante agrado com o trabalho desenvolvido, fomentaram em mim, ainda mais responsabilidade e confiança para continuar com o desenvolvimento das atividades diárias deste núcleo.

No decorrer deste ano, participei em diferentes atividades da escola tais como: Conferencia sobre o Atletismo com Irmãos Castro: Uma vida dedicada ao Desporto; curso de árbitros de Futsal; Corta Mato Escolar; organização dos torneios internos de Futsal para todos os alunos do Desporto Escolar de Futsal; presença nas competições do Desporto Escolar; organização do torneio de Voleibol de final do 2º período, e planeamento e condução da atividade desenvolvida pelo 8ºC na conferência sobre Internet Segura. Em todas estas atividades senti, que a minha participação e colaboração foi bastante positiva e constitui uma mais valia.

Com o desenvolvimento destas ações, tenho a convicção que aprendi imenso, e que adquiri um conjunto de capacidades e competências, não só a nível técnico, mas também a nível organizacional, relacional e colaborativo, que me vão ser bastante úteis na minha vida futura, quer a nível pessoal quer profissional.

Área 4 - Relação com a comunidade

Os intervenientes no processo educativo, não são exclusivamente os alunos e os professores. Desta forma, nesta área segundo o Guia de Estágio 2011-2012, o professor estagiário deve *“compreender a importância da relação escola-meio e promover iniciativas de abertura da escola à participação na e da comunidade”*. Neste sentido, esta área pretende valorizar a participação ativa do professor estagiário, promovendo uma relação com a comunidade e com todos os intervenientes do contexto escolar, em ações socioeducativas e funções de acompanhamento ao diretor de turma, manifestando sempre capacidades colaborativas e de respeito, com elevado grau de responsabilidade e adaptabilidade.

Através das tarefas inerentes a esta área, foi-me possível verificar a utilidade da existência de uma boa ligação do professor com toda a comunidade educativa na realização de diferentes ações, bem como a importância do diretor de turma na condução de todo o processo de formação e desenvolvimento dos alunos.

Concebe, implementa e avalia uma ação de animação sócio-educativa, envolvendo a participação ativa e conjunta da comunidade próxima e da comunidade escolar

Relativamente a esta ação de animação socioeducativa, participámos em três atividades distintas, as quais nos proporcionaram um conjunto diversificado de experiências, que se tornarão fundamentais na nossa vida profissional futura, como a capacidade de organização e mobilização, diferentes processos de divulgação e comunicação, aptidões de comunicação com diferentes intervenientes, bem como competências relacionais e cooperativas na execução de diferentes atividades.

Assim, as atividades realizadas foram nomeadamente, a atividade em Montachique, a atividade no Gerês e a do dia do Agrupamento.

De uma forma geral, as três atividades que realizámos procuraram que existisse uma participação ativa e conjunta da comunidade próxima e da comunidade escolar, mobilizando desta forma o potencial pedagógico de práticas sociais, culturais e de recursos da escola e/ou da comunidade próxima. Deste modo, promovemos o reforço de iniciativas de cooperação entre a comunidade escolar e mais concretamente dos professores do grupo de Educação Física. Assim, envolvemos os alunos em atividades conjuntas que demonstraram o trabalho realizado na escola, e/ou em representação da mesma, aos mais variados elementos (professores das diferentes escolas, auxiliares, e

encarregados de educação e familiares). Outro objetivo alcançado foi o de proporcionar aos alunos um convívio mais próximo com os professores e os restantes colegas de escola, permitindo fomentar nos alunos atitudes responsáveis, criativas e capacidades de relacionamento interpessoal num espírito de confiança, cooperação, amizade, superação, autonomia e solidariedade.

Relativamente ao “Dia do Agrupamento” foi um dia caracterizado pela implementação de um evento que ocorre na sede do Agrupamento de Escolas Piscinas Olivais, a Escola E.B. 2, 3 Piscinas – Lisboa, já há alguns anos. Este dia é dedicado ao convívio entre todos os elementos das escolas pertencentes ao referido Agrupamento, incluindo docentes, não docentes, alunos e encarregados de educação. Desta forma, no Dia do Agrupamento decorreram várias atividades, como: Apresentações musicais, filmes de animação, apresentações de Jardins Infantis e escolas do 1º ciclo, apresentações do Grupo de Ginástica, demonstração Street Surfing, teatro e apresentação do Hino do Agrupamento. Neste evento foi desenvolvido um conjunto de tarefas, tais como: Promoção e divulgação do concurso do hino da escola, divulgação e realização de autorizações para os alunos participarem nos ensaios do hino do agrupamento, ajuda nos ensaios do hino do agrupamento (2º e 3º ciclo), apoio ao material – preparação, montagem e arrumação do material para as apresentações, receção das turmas à entrada do campo e posterior acompanhamento e encaminhamento das mesmas, para o seu lugar e também filmagens e fotografias do evento. Esta atividade, obteve um grande sucesso e proporcionou bastante satisfação aos participantes, bem como à comunidade que assistiu ao evento. Foi com bastante agrado que vimos, a envolvimento de todos os alunos, professores, funcionários e encarregados de educação, a participarem e colaborarem em diferentes atividades, tais como apresentações de coreografias, teatros, jogos, exposições, entre outras. Consideramos que este tipo de atividades são uma oportunidade única tanto para os alunos, como para os professores e restante comunidade escolar, para se fortalecerem laços, e criarem uma identidade comum que, com certeza, poderá trazer grandes vantagens tanto a curto, como médio-longo prazo. Consideramos que estas ações devem ser valorizadas, e deve ser criado o hábito de realizar, com mais regularidade, iniciativas deste género, não só para apresentação dos trabalhos realizados, mas também para promover o trabalho colaborativo, entreajuda e cooperação.

No que diz respeito à atividade em Montachique, esta foi destinada aos alunos do 5º ano e decorreu durante todo o dia. Os alunos puderam usufruir de um espaço para desfrutarem a natureza e praticarem diversas atividades físicas, fazendo uma pausa a

meio do dia para um picnic. Para assegurar que esta atividade decorresse da melhor forma possível, para além dos professores de Educação Física, estiveram presentes professores de outras áreas disciplinares, não só para fazerem o acompanhamento dos alunos, mas também para poderem participar nas atividades de jogos tradicionais, orientação, tiro com arco, elevador ecológico, jogos pré-desportivos, streetsurf e speedminton. A nossa participação incidiu na organização de grupos, planeamento e organização das diferentes atividades. Consideramos que também a atividade em Montachique foi bastante proveitosa, pois obteve grande êxito e contentamento por parte os participantes. As atividades que tínhamos planeado foram todas cumpridas, tendo os alunos uma participação bastante empenhada, demonstrando satisfação e realizando as atividades em segurança.

A atividade no Gerês consistiu numa viagem para os alunos do 7º e 8º ano de escolaridade, com o objetivo de proporcionar aos alunos o contacto com diversas atividades desportivas e privilegiar o convívio e ligação entre todos, através do estabelecimento de laços de confiança e entreajuda. Para as diferentes atividades os alunos foram divididos e organizados em quatro grupos, juntando no mesmo grupo alunos de várias turmas, que ficaram à responsabilidade de dois professores nas diferentes tarefas. Assim, as atividades no Gerês contemplaram: uma caminhada à fenda da Calcedónia, BTT, orientação, canyoning, escalada, caminhada noturna à barragem de Vilarinho das Furnas e jogos e atividades noturnas.

Nesta atividade tivemos um papel bastante importante e ativo, no que diz respeito à criação de fichas e mapas para as aulas de substituição, preparação de reunião com Encarregados de Educação, ficámos responsáveis por receber os pagamentos, pela organização de grupos, assim como pela organização e preparação de atividades, também fizemos o acompanhamento de um grupo e a dinamização de atividades noturnas. No que concerne a esta atividade, esta foi muito bem planeada, o que mais tarde se verificou fundamental, para o sucesso da mesma. Este sucesso muito se deve à experiência e capacidade organizativa do grupo de educação física, e da sua coordenadora. Esta ação, fez com que pudesse extrair bastantes conhecimentos, que poderei aplicar futuramente quando necessitar de organizar uma atividade com esta dimensão e importância.

Para a realização destas tarefas também foi necessário um trabalho em cooperação e entreajuda, bastante acentuado, entre os elementos do grupo de Educação Física. No que diz respeito à atividade em si, mais uma vez, esta obteve grande êxito e os objetivos a que nos tínhamos proposto, foram atingidos com sucesso. Todas as

atividades foram realizadas em segurança, tendo os participantes revelado satisfação, quer através das impressões que fomos recolhendo durante e após a atividade, quer da análise dos questionários realizados aos participantes.

Estas atividades realizadas revelaram-se fundamentais para o desenvolvimento de relações interpessoais, e para a criação de uma identidade de escola/agrupamento. Estas iniciativas devem estar sempre presentes na vida de uma escola, pois o desenvolvimento das ligações entre professores, destes com os alunos, bem como com toda a comunidade escolar é fundamental para o melhoramento da dinâmica, cooperação e coesão entre todos. Também para aos alunos, estas ações, são fundamentais pois vão fornecer-lhes um conjunto de experiencias e vivencias, que normalmente não realizam e são bastante importantes para o seu crescimento e desenvolvimento.

No âmbito do estágio pedagógico, estas atividades também tiveram uma importância extrema, pois para além de poder retirar um conjunto de competências fundamentais sobre a organização, dinamização e divulgação de ações de animação sócio-educativa, também reforçou ainda mais as relações e a capacidade de trabalharmos com o núcleo de estágio, grupo de Educação Física e restantes professores da escola. Estas atividades reforçaram a importância e a interligação de todas as áreas de estágio, uma vez que senti que o desenvolvimento destas iniciativas fez com que aprofundasse o meu conhecimento dos alunos da minha turma, assim como dos elementos do núcleo de desporto escolar onde estava inserido, fazendo com que pudesse desenvolver, compreender e melhorar a relação com estes, o que me possibilitou um progresso considerável na condução de ensino, nomeadamente da gestão de conflito, instrução e criação de um ambiente positivo.

Identifica as principais características de uma turma, destacando as particularidades sociais e culturais, psicológicas e de aprendizagem dos seus elementos, explicitando as suas implicações para a sua intervenção junto da mesma, nomeadamente no âmbito da direção de turma e da atividade letiva.

Como é normal num grupo, todas as pessoas vivem e têm condições de vida diferentes, as ideias e as vivências divergem e todo o contexto familiar e social é distinto, com a realização deste trabalho foi possível caracterizar a turma, através da sua constituição, análise do agregado e contexto familiar, sistema de saúde, histórico escolar e antecedentes, interesses e tempos livres e conceção de Educação Física, com o objetivo de compreender melhor cada aluno particularmente, e a turma de uma forma global, assim como as interações existentes entre os diferentes membros da turma.

Desta forma, na turma existem um conjunto diversificado de atrações entre alunos, bem como diferentes antipatias entre alunos. Além desta análise, pretendi saber quais os alunos mais e menos populares, bem com saber se existia um líder, ou da existência de pequenos grupos na turma.

Para proceder ao estudo de turma foram utilizados como instrumentos a ficha individual do aluno e o teste sociométrico. A aplicação destes testes decorreu no dia 22 de Setembro e foram aplicados na disciplina de formação cívica. De referir que os resultados e conclusões deste estudo foram apresentados no conselho de turma do final do 1º período, onde os professores presentes mostraram bastante interesse e valorizaram este estudo, tendo em consideração a mais valia que este trabalho poderia trazer no desenvolvimento de tarefas e lecionação das suas disciplinas. Este estudo foi ainda importante, na elaboração da planta da sala de aula, onde estavam definidos os locais onde os alunos se sentavam.

Através da interpretação dos dados, consegui ter a noção das relações e preferências dos alunos, e deste modo, perceber determinadas situações, atitudes ou comportamentos, tendo sido também um fator facilitador em diversas tarefas referentes à Organização e Gestão do Ensino-Aprendizagem (Área 1), mais concretamente na construção de grupos, gestão de conflitos, delegações de funções e proceder à inclusão de alunos. Os dados referentes ao gosto pela Educação Física e modalidades, também constituíram uma vantagem, nomeadamente na seleção das matérias e formas de as abordar.

Considero que o estudo de turma, constitui uma ferramenta essencial para o docente, e que gera uma mais valia não só no planeamento, e condução da lecionação da disciplina de Educação Física, bem como nas diferentes disciplinas e direção de turma. Penso ainda, que a aplicação do teste sociométrico deveria ser realizada num segundo momento (a meio do ano letivo), no sentido de verificar a evolução das relações existentes na turma, e poder desenvolver ou adaptar novas estratégias e ações, de acordo com os dados fornecidos nesta outra ocasião.

O passar pela experiência de ter realizado este análise da turma, trouxe para a minha vida profissional um grande benefício, pois esta atividade vai fazer parte das minhas iniciativas enquanto futuro professor e diretor de turma, pelo auxílio e vantagens que este fornece.

Identifica, aprecia criticamente e intervém ativamente nas atividades inerentes à direção de turma e do conselho de turma

No que diz respeito á análise da minha participação em atividades relativas à direção de turma, é importante definir o que é o diretor de turma, neste sentido Marques (2003), refere que “o Diretor de Turma é antes de mais, um educador com a tarefa de orientar os alunos, estabelecer laços de comunicação e de convívio e coordenar atividades no âmbito da turma. Cabe-lhe conhecer cada um dos seus alunos para os poder ajudar no processo de aprendizagem e, para que esse objetivo seja alcançado, convém que conheça os pais dos alunos e seja capaz de estabelecer uma comunicação eficaz com os outros professores da turma.”

Em relação às minhas funções nesta área, estas passaram por, ajudar a preparar, conduzir e secretariar as reuniões do Conselho de Turma, assim como em reuniões com os Encarregados de Educação, não me envolvendo apenas nos aspetos administrativos, mas também na análise crítica da execução das decisões previstas, assim como na metodologia utilizada pelo Diretor de Turma. Relativamente ainda aos conselhos de turma e reuniões com encarregados de educação, procurei estar sempre atento e, sempre que possível, tomar a iniciativa. Além de preparar os conselhos de turma e as reuniões com os encarregados de educação, tive também funções de secretariado, nomeadamente na realização das atas nos conselhos de turma.

O acompanhamento à direção permitiu-me compreender as funções/competências de um diretor de turma, que são desenvolvidas em vários campos, nomeadamente, em funções administrativas como: justificação de faltas ou organização do dossier de turma; atividades ao nível da comunicação e atendimento aos encarregados de educação; gestão e dinamização dos conselhos de turma; assim como no planeamento e condução das aulas de Formação Cívica. Das tarefas descritas, considero ter sido especialmente motivante para mim, as reuniões com os encarregados de educação, particularmente para tentar perceber qual o enquadramento familiar e social que os alunos têm, bem como o seu comportamento fora do contexto escolar. Outra situação importante, foi verificar o papel do professor na mediação das pretensões dos pais, com os valores e competências que a escola e o professor consideram mais ajustadas para os alunos.

No que diz respeito ao atendimento aos encarregados de educação, considero que esta também foi uma experiência bastante proveitosa, uma vez que tive a possibilidade de constatar na prática, e também ter uma intervenção ativa na resolução de problemas relacionados com comportamentos menos próprios e na consequente

sanção disciplinar, como em casos de alunos com insucesso escolar e em risco de retenção.

Em relação à formação cívica, fui aumentando a minha intervenção tendo cada vez mais, um papel ativo. De destacar a minha participação no planeamento e condução da atividade de recolha, seleção, tratamento de informação e apresentação de casos verídicos por parte dos alunos do 8ºC, na conferência sobre Internet (in)Segura, trabalho este, que me deu muito prazer realizar e penso que teve bastante sucesso. Outras atividades onde estive inserido no âmbito da formação cívica, contemplaram a colaboração e acompanhamento numa formação sobre a coluna e bons hábitos posturais com uma fisioterapeuta; acompanhamento da turma numa aula sobre sexualidade com um técnico de saúde; planeamento e condução de diferentes atividades, designadamente fichas de trabalho sobre a reflexão da prestação de cada aluno no 1º período, confrontação da auto-perceção do aluno com a perceção dos colegas; e os projetos de vida em diferentes etapas a nível pessoal, profissional e familiar.

Em suma, considero que tive uma postura bastante ativa, tendo uma atitude de respeito, cooperação e inter ajuda com todos os intervenientes implicados neste processo, conseguindo fazer cumprir o ambicioso projeto de acompanhamento à direção de turma que elaborei. Esta coadjuvação, proporcionou-me a aquisição de diversos conhecimentos e aptidões, que irão ser bastante importantes no futuro, quando tiver que desenvolver, autonomamente, funções de direção de turma. Estas tarefas, abrangem diversas áreas, tanto a nível administrativo, como na capacidade de comunicação com outros professores e encarregados de educação e promoção de diferentes iniciativas.

No desenvolvimento das atividades desta área manifesta a capacidade de cooperação com os seus pares, num clima de cordialidade e respeito, de inter ajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade

Relativamente a este ponto, é de destacar a existência de uma grande cooperação com a diretora de turma. Esta deu-me bastante autonomia para poder intervir e planear algumas tarefas a realizar. Estive presente nas aulas de formação cívica, tendo assumido várias vezes esta responsabilidade, de forma autónoma. Demostrei ao longo deste processo de formação, uma atitude o mais proativo possível, nomeadamente na elaboração de fichas de trabalho e nas propostas de atividades aos alunos, de acordo com os temas definidos. Para além destas atividades, estive presente na receção aos encarregados de educação, sempre com uma atitude de responsabilidade, tendo tido um

papel ativo quando da suspensão de um aluno da minha turma, procurando arranjar soluções para a situação.

O desenvolvimento das ações inerente a esta área, irão certamente ser fulcrais para o meu futuro tanto a nível pessoal como profissional, pois potenciaram em mim capacidades comunicativas e colaborativas essenciais, para a execução das minhas tarefas. Por outro lado, tive a percepção da importância que a comunidade tem na vida escolar, não só espelhada nos seus alunos, como nas atividades da escola, devendo existir uma valorização do reforçar da ligação entre a escola e a comunidade.

Penso que o facto de ter estagiado numa escola bastante ativa, fez com que pudesse consolidar ainda mais o espírito e dinâmica de proporcionar aos alunos diferentes vivências que não estão habituados a ter. Considero que em relação ao acompanhamento ao diretor de turma esta experiência poderia ter sido ainda mais rentabilizada, se tivéssemos tido a oportunidade de poder colaborar com outros diretores de turma em algumas iniciativas, como reuniões de professores ou aulas de formação cívica, para podermos ter contacto com outras realidades, formas de estar e trabalhar, no sentido de podermos ficar com mais do que uma referência.

Reflexão Final

Sendo a formação de professores indispensável para o contínuo desenvolvimento profissional dos docentes, a elaboração deste relatório/balanço, constitui uma importante mais valia no término deste meu processo de formação.

Este estágio revelou uma oportunidade de excelência para adquirir um conjunto de conhecimentos e experiências basilares para o meu desenvolvimento enquanto professor e ser humano, e que terão certamente as suas repercussões. Além de todas as competências que desenvolvi, esta oportunidade de formação a que tive acesso, deu-me um conjunto de perspetivas e ideais a ter sempre presentes, ao longo da minha futura carreira, enquanto professor de educação física, e num sentido macro, enquanto educador. As experiências vividas em todas as áreas de formação deste estágio, não só isoladamente, mas em grande parte pela forma como todas elas se relacionam, fazem com que compreenda que o papel do professor não se restringe exclusivamente ao planeamento, condução e avaliação. Existem um conjunto de outras competências que completam as funções inerentes à docência, cujo desenvolvimento também influencia a lecionação.

O papel do professor não se deve restringir aos seus alunos, mas sim estender-se a outros professores, alunos, e à comunidade educativa em geral. Tal como pude constatar neste meu processo de formação, o trabalho colaborativo com todos os intervenientes, fez-me adquirir um grande sentido de pertença, bem como me mostrou a importância de participar no desenvolvimento de atividades e projetos de diferentes áreas. Considero que esta capacidade de cooperar com diferentes intervenientes, tentando ter um papel ativo, irá ser uma mais valia para a minha vida profissional futura, pois senti os benefícios que este tipo de atividades pode repercutir.

A elaboração desta reflexão, permitiu-me efetuar uma análise crítica e reflexiva do meu processo de formação, não só enunciando as atividades realizadas, bem como analisando o cumprimento dos objetivos que tinham sido delineados. Pude também verificar os fatores fundamentais para a obtenção de sucesso, bem como as estratégias utilizadas nas diferentes áreas que envolviam o estágio.

Em relação ao planeamento consegui verificar, na prática, a importância e as implicações que pode ter para a obtenção de sucesso em todo o processo ensino-aprendizagem. Foi-me possível constatar a importância que tem a avaliação inicial e formativa, no planeamento a diferentes níveis (plano anual, etapa, unidade de ensino e plano de aula), contrapondo estas informações com os conteúdos do PNEF. Apesar de, inicialmente ter tido algumas fragilidades em planear a longo prazo, desenvolvi esta

capacidade, fazendo com que estes planeamentos tivessem coerência entre si, tendo realizado uma seleção criteriosa das matérias a abordar, com diferenciação de ensino, respeitando as capacidades dos diferentes alunos e procurando que existissem sempre progressões. Tudo isto, no sentido de potencializar ao máximo a aquisição de aprendizagens e a evolução dos alunos. Considero-me, neste final do processo, apto a realizar planeamentos diferenciados e a utilizá-los como ferramenta indispensável do dia a dia, como docente.

No que diz respeito à avaliação inicial e formativa, esta foi-me facilitada, devido à existência no grupo de educação física de protocolos bem definidos e fáceis de aplicar, conseguindo, assim, fazer esta avaliação de uma forma eficaz e justa. Em relação à avaliação formativa, inicialmente revelei algumas dificuldades, devido à preocupação com outras áreas, como a condução de ensino. A partir do momento em que consegui consolidar um conjunto de competências, relativamente à condução de ensino, pude investir muito mais na área da avaliação formativa revelando uma evolução considerável, nomeadamente na criação de instrumentos, bem como na capacidade de adaptar e criar situações específicas para as dificuldades evidenciadas pelos alunos neste processo.

Desta forma constatei a importância da avaliação formativa, não só como forma de recolha de dados para a avaliação sumativa, mas também nos processos de planeamento e condução. Além destas mais valias evidenciadas, a avaliação formativa permitiu-me ter um acompanhamento mais eficaz dos alunos, tendo constantemente informações sobre o seu nível de desenvolvimento e sobre a sua capacidade de aquisição de competências, conseguindo assim, reajustar objetivos ou situações de aprendizagem. Assim, sinto-me confiante na utilização deste instrumento para melhor acompanhamento dos alunos através da seleção criteriosa de exercícios e opções pedagógicas, ajudando-os a percorrer o seu caminho, respeitando a sua evolução individual e o ritmo de aprendizagem de cada um.

Em relação à condução de ensino, o facto de ter um conhecimento mais aprofundado dos alunos e ter desenvolvido uma boa relação com eles, fez com que tivesse tido a capacidade de ajustar, com mais facilidade os estilos de ensino, bem como o feedback às diferentes situações, às características das aulas e dos alunos. Fui desenvolvendo uma boa capacidade de comunicação e acompanhamento, tentando colocar sempre uma ênfase positiva, valorizando a participação, autonomia e colaboração entre alunos, fazendo com que as aulas decorressem num clima positivo e sem a existência de casos de indisciplina. Nesta área é de destacar ainda, a importância da observação das minhas aulas em direto e em diferido, com as minhas colegas,

orientadoras, e outros núcleos de estágio, fazendo análises conjuntas, discutindo diferentes perspectivas e apresentando diferentes sugestões e estratégias de intervenção. Relativamente a estas observações, considero que foram bastante pertinentes, uma vez que das análises, surgiram perspectivas e sugestões que me incutiram capacidades de argumentação e comunicação. Considero que durante este processo de formação, deveriam ter existido mais momentos como estes, e com mais núcleos de estágio, tentando ampliar o tempo para que esta troca de ideias e confrontação de estratégias ou possíveis soluções, pudesse ser ainda mais profícua.

Ainda na área 1, uma outra atividade que contribuiu para o meu processo de formação, foi a experiência de professor a tempo inteiro, cujo objetivo é de nos aproximar o mais possível do dia-a-dia de um professor. Considero que, devido às limitações que o estágio tem e pelo facto de termos só uma turma, esta iniciativa é muito produtiva pois dá-nos a possibilidade, de nos prepararmos para quando nos for atribuído um horário completo.

Relativamente à área de investigação e inovação pedagógica, fomos bastante ambiciosos e conseguimos desenvolver um trabalho de investigação bastante abrangente e atual, sobre a temática da utilização da internet, os seus benefícios e riscos e o controlo dos perigos. Realizámos uma ação de apresentação, na qual estiveram presentes bastantes participantes, que mostraram muito agrado na ação desenvolvida, e onde os convidados completaram e enriqueceram, ainda mais, esta iniciativa. Na realização desta atividade senti um enorme orgulho, devido a ter a perceção que esta forneceu um conjunto de conhecimentos a todos os alunos, encarregados de educação, professores, e também a mim. Não só adquiri competências específicas ao tema, como também pude experienciar a realização de um trabalho de investigação, e de apresentação à comunidade. Estas atividades são, sem dúvida, mais valias na formação de um professor, pois elas fazem parte das competências implícitas do seu papel. Devemos, neste sentido, trazer informação para a comunidade escolar, tendo em conta o papel abrangente do professor, como educador para a sociedade. A formação recíproca revela-se aqui fulcral para o desenvolvimento dos docentes, em áreas específicas de atuação, tais como o processo de ensino-aprendizagem, da disciplina ou transversal à docência, bem como em áreas mais gerais.

No que concerne à participação na escola, mais uma vez procurámos que o tema da nossa ação fosse atual e o mais abrangente possível. Assim, a nossa ação de rastreio e promoção de boas práticas posturais, forneceu uma contribuição bastante positiva para a escola, abrangendo também diferentes intervenientes, não tendo só uma perspectiva

momentânea mas também de sensibilização, com vista à educação e criação de hábitos a longo prazo. Considero que os participantes mostraram-se bastante interessados, devido principalmente ao tema ser relacionado com a saúde, nomeadamente questões relacionadas com a postura. Penso ter sido muito importante e foi bastante gratificante, a adesão e participação das pessoas, podendo sentir que tive um papel marcante no sentido da sensibilização para a melhoria da qualidade de vida. Uma vez mais, sinto que o papel de professor abrange áreas cada vez maiores, onde a responsabilidade social é marcante e onde pode influenciar, de forma positiva, a criação da consciência para a Saúde e para a qualidade de vida.

No âmbito do Desporto Escolar, considero que a minha participação foi muito positiva, contribuindo com a minha experiência e conhecimentos, para a evolução dos alunos deste núcleo. O trabalho desenvolvido e a boa relação com os participantes, ajudaram bastante para que os objetivos fossem cumpridos. De enaltecer a empatia criada entre mim e o professor responsável pelo núcleo, o que facilitou todas as atividades de planeamento e condução do treino, podendo sentir que estava a ter um papel importante, o que me provocou o enorme prazer de poder coadjuvar nestas atividades. Do trabalho realizado neste núcleo, pude tirar um conjunto de competências importantes, que pude aplicar quando estava a lecionar com a minha turma. Estas aprendizagens foram obtidas da experiência que pude absorver com o professor deste núcleo, bem como da possibilidade que este me deu, de intervir e de experienciar algumas estratégias ou formas de solucionar determinados problemas.

Em relação ao programa "*Piscinas na 1ª PESSOA*", penso que obtivemos bastante êxito, uma vez que conseguimos a sensibilização para um problema bastante atual como a obesidade infantil, fornecendo um conjunto de informações úteis para aquelas crianças, no seu dia-a-dia, tais como os estilos de vida saudáveis, os hábitos de alimentação, e a importância da realização de atividade física. Este programa fez-nos criar laços fortes com os participantes, que nos viam como alguém que estava ali para os ajudar e para criar um bom ambiente entre os participantes. Todos eles estavam ali com um objetivo comum, e assim conseguimos também proporcionar uma prática que foi do agrado de todos. Apesar de ter sentido algumas dificuldades iniciais na prescrição de exercícios, considero ter evoluído bastante. Esta experiência fez-me adquirir um conjunto de competências fundamentais, que me irão ser essenciais, nomeadamente o diagnóstico da capacidade individual de cada um, e a prescrição de diferentes atividades, de acordo com a referida capacidade. Esta experiência, tal como o desporto escolar, foi bastante importante para complementar o tipo de vivência que tive ao lecionar a disciplina

de educação física, não só devido a serem atividades não obrigatórias, bem como o facto do ambiente das aulas ser bastante diferente, e puder assim, sentir uma vez mais, que nós (professores) temos um papel muito importante, não só nas aulas, como em diferentes atividades para a comunidade educativa e sociedade em geral.

Por fim, na área de relação com a comunidade, tive uma participação bastante ativa, revelando e ampliando um conjunto de competências, a nível relacional e colaborativo, no desenvolvimento de diferentes atividades de diferentes âmbitos, tais como a coadjuvação na direção de turma, o dia do Agrupamento ou ainda as atividades no Gerês e em Montachique.

No que respeita ao acompanhamento à direção de turma, além das funções de secretariado que realizei, também as tarefas de atendimento aos encarregados de educação e formação cívica deram-me um enorme prazer e proporcionaram-me a obtenção de informações sobre os alunos. Este facto, permitiu o desenvolvimento de uma relação com a turma, que foram cruciais para o sucesso na área de organização e gestão do ensino e da aprendizagem, principalmente no processo de condução de ensino. Ao ter conhecimento de determinadas realidades dos alunos, pude ajustar a minha instrução e feedback ou ter a sensibilidade de poder relacionar-me com determinado aluno de outra forma diferente. Assim, constatei a importância e a mais valia que pode ser para o professor, na tarefa de lecionação, o conhecimento mais profundo dos alunos, quer seja através da realização de atividades fora do âmbito da sua disciplina, como pelo contacto com os encarregados de educação.

Em relação ao projeto de animação socioeducativa, as atividades desenvolvidas, tiveram bastante sucesso, com muita adesão e satisfação por parte de todos os participantes. Estas atividades possibilitaram-me fortalecer as relações, principalmente com os professores do grupo de educação física, bem como com os restantes professores e alunos. Outro aspeto que devo valorizar, foi o destas atividades me terem ensinado a planear e conduzir atividades com muito participantes e onde existem diferentes tarefas e funções a executar. Mostrou-me também como é importante realizar atividades fora da escola, no sentido de facultar aos alunos um conjunto de vivências diferentes, que muitos deles não estão habituados a ter.

Este estágio, além de me proporcionar um conjunto variado de aprendizagens a nível técnico e pedagógico, fez com que desenvolvesse relações profissionais e de amizade bastante importantes. O concluir deste processo de formação abriu-me outros horizontes, mostrando-me qual o caminho que quero seguir.

Bibliografia

Aranha, A. (1993), Orientação de Estágios Pedagógicos – Avaliação Formativa versus Avaliação Sumativa, Boletim SPEF, nº 7/8 Inverno/Primavera de 1993, pp. 157-165.

Araújo, F. (2007); *A Avaliação e a gestão curricular em Educação Física - um olhar integrado*; Boletim SPEF nº32, 2007

Baltazar, N. (2004). Crescer com a Internet: Desafios e Riscos. In Atas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Informação, Identidade e Cidadania (pp. 427 – 438). Covilhã.

Bento, J. (1987), Planeamento e Avaliação em Educação Física, Livros Horizonte, Lisboa.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994); *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto Editora, Porto.

Carreiro da Costa, F. et al (1985); *Contributo para a Caracterização da Educação Física na Instituição Escolar – Perspectivas de Desenvolvimento*; Revista Horizonte; Sumário do Vol.II ; Nº 8; Julho – Agosto

Castelo, J. (1994). Futebol: Modelo técnico-tático do jogo. A organização do Jogo. Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF)*, 10/11 (2.ª série), 135 -151.

Carvalho, A. (2006); *A observação de tarefas desportivas - estudo sobre a identificação de erros desportivos*; Tese de Mestrado – UTL FMH

Dias, L. e Rosado, A. (2003); *A avaliação formativa em Educação Física*; Pedagogia do Desporto, Estudos 7, pp. 73.99; Ciências do Desporto - Edições FMH, UTL-FMH.

Guerra, I. (2002); *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*; 2ª Edição; Cascais; Editora Principia

Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., e Carvalho, L. (2001). Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento) do ensino Básico – 3º Ciclo. Lisboa: Ministério da Educação.

Januário, C. (1984); *Planeamento em Educação Física – Conceção de uma Unidade Didáctica*, Revista Horizonte, Volume 1, Nº3, Setembro-Outubro, 1994

Matos, M. (1997), *Comunicação e Gestão de conflitos na escola*, Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.

Marques, H. & Lagarto, J. (2011). Quando a internet (in)tranquiliza. In S. Pereira (Ed.), *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"* (pp. 477 – 492). Universidade do Minho

Marques, R. (2003), *O Director de Turma (15-28; 73-82)* Lisboa, Platano Editora

Mesquita, I. (1998). *A Instrução e a estruturação das tarefas do voleibol*. Dissertação de Doutoramento. Volume I. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.

Mesquita, I., e Rosado, A. (2004). *O desafio pedagógico da Interculturalidade no espaço da Educação Física*. In Eunice Lebre e Jorge Bento (Eds), *Professor de Educação Física. Ofícios da Profissão*. Porto: FCDEF-UP.

Mosston, M., & Ashworth, S. (2008). *Teaching Physical Education*.

Nóvoa, A. (1992); *Para uma análise das Instituições escolares*. In *As Organizações escolares em análise* (13-32). Lisboa: D. Quixote.

Onofre, M. (1995), *Prioridades de Formação Didáctica em Educação Física*, Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física, nº 12, 75-97.

Onofre, M. (1996); *Educação Física sem Avaliação: Uma Perversão Consciente?*; Boletim SPEF, nº13 Inverno de 1995, pp. 51-59

Onofre, M. (1996). Formação de professores em educação Física: concepções, investigação e prática. Edições FMH.

Pedro, P. (2006); *Decisões pré-interactivas e interactivas em professores de Educação Física*; Tese de Mestrado; UTL – FMH.

Piéron, Maurice (1999). *Para una Enseñanza Eficaz de las Actividades Físico-Deportivas*. 1ª Edição, Colección La Educación Física en... Reforma, Barcelona, Edições INDE

Pires, G. (2006); *Agôn – Gestão do Desporto – O Jogo de Zeus*; UTL, FMH

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, L. (1989). *Avaliação da Aprendizagem*. Texto Editora, Lisboa.

Rosado, A. (2003). Conceitos básicos sobre planificação didáctica. *Pedagogia do Desporto estudos*. - Nº 7 p. 27-47 Edições FMH, Lisboa

Rosado, A. (2007). *A Reacção à Prestação Motora como Competência Pedagógica - Pedagogia do Desporto: Notas de Curso*. Edições FMH.

Rosado, A. & Ferreira, V. (2009). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 185-206). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Santos, C et al. (2009). Ocorrência de desvios posturais em escolares do ensino público fundamental de Jaguariúna. *Revista Paulista de Pediatria*. 27(1), pp. 74-80.

Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Zeni, L., Salles, R., & Benedetti, T. (s.d.). Avaliação postural pelo método Owas.

Outros documentos:

Despacho Normativo Nº 30/2001 de 19 de Julho - Avaliação das aprendizagens dos Alunos do Ensino Básico

Guia de Estágio Pedagógico do *Mestrado no Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário*. (2011).

Organização Mundial de Saúde (1993). Recuperado em Junho 2012 em <http://sitio.dgidc.min-edu.pt/saude/Paginas/default.aspx>

Página do Ministério da Educação e Ciência (2007). Recuperado em Junho 2012 em <http://www.drealentejo.pt/default.asp?action=news&idnews=737>

Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas E.B 2, 3 Piscinas Olivais (2008 – 2012)

Protocolo de Avaliação Inicial

Projeto Educativo de Escola 2008- 2012